

# Léxico de origem africana em português e espanhol

Registros lexicográficos de *quilombo* no Brasil e na região do Prata

Ylva Tillquist

Institutionen för spanska, portugisiska och latinamerikastudier

Examensarbete 15 hp

Portugisiska

Magisterkurs i portugisiska (30 hp)

Vårterminen 2013

Handledare: Laura Álvarez López

African-derived lexicon in Spanish and Portuguese. Lexicographical records of *quilombo* in Brazil and the River Plate region.



Stockholms  
universitet

# Léxico de origem africana em português e espanhol

## Registros lexicográficos de *quilombo* no Brasil e na região do Prata

Ylva Tillquist

## Resumo

Esse trabalho analisa a palavra *quilombo*, de origem africana, integrada em duas variedades linguísticas latino-americanas: o português brasileiro e o espanhol do Prata. No Brasil o termo *quilombo* significa ‘comunidade de escravos fugidos’ e no Prata ‘prostíbulo’. Como explicar essa diferença? A partir do estudo de registros em dicionários, vocabulários e corpora, iremos discutir o caminho de integração do vocábulo assim como as definições e os comentários metalinguísticos e exemplos de uso encontrados em um conjunto de fontes lexicográficas e corpora das duas variedades linguísticas ibero-românicas. A análise do verbete e seus derivados, assim como a dos vocábulos relacionados, partem dos significados atribuídos à palavra nas fontes selecionadas. Analisam-se definições e comentários metalinguísticos, objetivando fazer uma reflexão crítica sobre as normas e os valores subjacentes às definições nas fontes lexicográficas. Tudo indica que essas normas e valores, ou ideologias, estão por trás das acepções negativas que o vocábulo possui no Prata.

### Palavras-chave

Sociolinguística, contato linguístico, português brasileiro, espanhol americano, léxicografia, lexicologia, ideologia.

# Sammanfattning

Det här arbetet fokuserar på ett ord med afrikanskt ursprung, *quilombo* som finns i två latinamerikanska språkvarieteter: den brasilianska portugisiskan och spanskan från området kring Rio de la Plata. I Brasilien betyder *quilombo* 'självständigt samhälle uppbyggt av förrymda slavar', medan det i Rio de la Plata betyder 'bordell'. Hur kan denna skillnad förklaras? Genom att analysera hur ordet registrerats i lexikon, gloslistor och korpusar diskuteras ordets väg in i språket samt de olika förklaringar, metalingvistiska kommentarer och användningsexempel som påträffats i ett urval lexikografiska källor och korpusar från båda de ibero-romanska språkvarianterna. Analysen av denna ingång och dess avledningsord och relaterade ord i de utvalda källorna utgår ifrån de betydelser som ordet tillskrivits. De metalingvistiska kommentarerna och betydelserna analyseras med syftet att göra en kritisk reflektion kring de normer och värderingar som uttrycks i de olika källorna. Resultaten visar att dessa normer och värderingar, eller ideologier, kan vara anledningen till de negativa betydelserna av ordet i Rio del Plata området.

## Nyckelord

Sociolingvistik, språkkontakt, Brasiliansk Portugisiska, Latinamerikansk Spanska, Vokabulär, Ideologi.

# Abstract

This study analyses an African-derived word, *quilombo*, integrated in two Latin-American linguistic varieties: Brazilian Portuguese and Spanish spoken in the River Plate region. In Brazil, *quilombo* means ‘maroon community’, but in Rio de la Plata it means ‘brothel’. How can we explain these differences? Through the analysis of its records in dictionaries, glossaries and corpora, this study discusses the ways in which the word was integrated as well as the metalinguistic comments, definitions and examples of use encountered in the selected lexicographical sources and corpora from the two Ibero-romance varieties. The analysis of the word entry and the derived and related forms in the selected sources is based upon the meanings ascribed to it. The metalinguistic comments and the definitions are analyzed aiming to critically reflect on the norms and values that the lexicographical sources express. The results indicate that these norms and values, or ideologies, are the reason behind the negative connotations of the word in the River Plate region.

## **Nyckelord**

## **Key-words**

Sociolinguistics, linguistic contact, Brazilian Portuguese, Latin-American Spanish, lexicon, ideology

# Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer minha orientadora, Profa. Dra. Laura Álvarez López, que sempre me inspira com grande dedicação, entusiasmo e conhecimento. Em segundo lugar, um agradecimento ao grupo de pesquisa “Afro-Latin Linguistics”, principalmente o Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar, a Dra. Anna Jon-And e Amparo Fernández Guerra pela ajuda que ofereceram durante este trabalho. Finalmente gostaria de agradecer a Mariana Andrioli Nucci que me ajudou com a revisão da linguagem deste texto.

# Sumário

<b>Agradecimentos .....</b>	<b>4</b>
<b>1. Introdução .....</b>	<b>1</b>
1.1 Objetivos e questões de pesquisa .....	2
1.2 Organização do trabalho .....	3
<b>2. Corpus .....</b>	<b>4</b>
2.1 Dicionários e vocabulários .....	4
2.2 Corpora.....	8
<b>3. Preliminares teórico-metodológicos.....</b>	<b>9</b>
3.1 Caminhos de integração de itens lexicais de origem africana .....	9
3.2 Discurso e ideologias nos dicionários .....	10
3.3 Os dicionários como objetos discursivos.....	13
3.3 Metodologia de análise.....	14
3.4.1 Estrutura das fontes lexicográficas .....	14
3.4.2 Análise das definições e acepções .....	15
3.4.3 Análise dos comentários metalinguísticos .....	16
<b>4. Análise dos registros de <i>Quilombo</i> .....</b>	<b>17</b>
4.1 Origens da palavra .....	17
4.2 Os primeiros registros.....	18
4.2.1 Registros em português .....	18
4.2.2 Registros em espanhol.....	19
4.3 Formas derivadas de <i>quilombo</i> e vocábulos relacionados.....	20
4.3.1 Derivados de <i>quilombo</i> no português brasileiro .....	21
4.3.2 <i>Mocambo</i> e os seus derivados nas fontes lexicográficas .....	22
4.3.3 <i>Calhambola</i> nas fontes lexicográficas.....	25
4.3.4 <i>Mocambo</i> e <i>calhambola</i> no Corpus do Português .....	26
4.4 O caminho de integração de <i>quilombo</i> .....	27
4.4.1 Integração na língua portuguesa .....	27
4.4.2 Integração na língua espanhola .....	29
4.5 As definições e comentários metalinguísticos do verbete <i>quilombo</i> .....	31
4.5.1 Definições e comentários em português .....	32
4.5.2 Exemplos de uso no Corpus do Português .....	33
4.5.3 Definições e comentários em espanhol.....	34
4.5.3.2 <i>Diccionario de la Real Academia Española</i> .....	37
4.6 Exemplos de uso nos corpora de espanhol (CORDE e CREA).....	40
<b>Considerações finais.....</b>	<b>42</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>46</b>
<b>Apêndice .....</b>	<b>51</b>

Apêndice 1. *Quilombo no Prata* .....51

# 1. Introdução

O presente estudo analisa uma palavra de origem africana, *quilombo*, integrada ao português brasileiro e ao espanhol da região do Prata como empréstimo. Observam-se diferenças no significado da palavra *quilombo*, seus derivados e palavras relacionadas (como *mocambo*), conforme a região onde as mesmas são empregadas. No Brasil, o termo *quilombo* significa ‘comunidade de indivíduos que fugiram da escravidão’, mas, no Prata, a palavra significa ‘bordel’. Como explicar essas diferenças?

Em relação à Argentina, a pesquisadora brasileira Jaci Menezes (1997), afirma que, além de ser uma palavra julgada como “*mala palabra*” (palavrão), a designação de *quilombo* como lugar de prostituição e vagabundagem relembra as circunstâncias difíceis pelas quais passaram os africanos e seus descendentes em termos de aceitação pela sociedade na qual viviam. Nesse sentido, em fevereiro de 2012, a questão do significado de *quilombo* no Uruguai foi tratada em um programa de rádio com o título “Los quilombos en el Brasil colonial”, em que a mesma controvérsia da acepção de prostíbulo foi discutida<sup>1</sup>.

Tendo em conta o acima exposto, essa pesquisa toma um conjunto de dicionários e glossários como objeto de reflexão. Consideramos que os dicionários são importantes como objetos discursivos (Nunes, 2008) e têm status e grande autoridade ante o público que neles procura se informar sobre o “uso correto” das palavras. Na escola aprendemos como utilizá-los e ainda os mesmos são usados por profissionais como jornalistas ou pesquisadores (Hornscheidt, 2008). Conforme Barros (2000):

O dicionário [monolíngue] produz, na nossa sociedade, certos efeitos de sentido bem conhecidos: de lista, inventário ou registro do saber lingüístico de uma sociedade; de discurso competente sobre a língua; de discurso anônimo da coletividade; de neutralidade e imparcialidade próprias da "objetividade" do saber, isto é, de que está fora do alcance das determinações sócio-históricas e ideológicas; de ter o papel normativo de legitimizar ou de referendar os usos lingüísticos aceitos e prestigiados em uma sociedade e de regulamentar a manutenção e a mudança lingüísticas. (Barros 2000: 76).

A análise do verbete *quilombo* nas fontes lexicográficas selecionadas destaca vários tópicos relacionados com o aporte das línguas africanas nas variedades de português e espanhol nas Américas: 1) as origens da palavra *quilombo* e seus derivados; 2) o caminho de integração do léxico de origem africana nas línguas ibero-românicas 3) as ideologias que se refletem nas definições e comentários metalingüísticos dos verbetes relativos aos africanismos. Assim, além de procurar etimologias e discutir a integração do termo *quilombo*, pretendemos estudar as ideologias presentes nos discursos

---

<sup>1</sup> Ver [http://www.espectador.com/lv4\\_contenido.php?id=233739&sts=1](http://www.espectador.com/lv4_contenido.php?id=233739&sts=1) (28/03/2012)



subjacentes às definições dos dicionários e vocabulários, apresentando uma abordagem que complementa os estudos anteriores sobre o léxico de origem africana na América Latina (ver, entre outros, Agenot e Jacquemin 1974; Álvarez López e Coll 2012; Alkmim e Petter 2008; Bonvini 2008; Castro 2001; Cunha-Henckel 2005; Laguarda Trías 1969; Lopes 1996; Ortiz Oderigo 2007; Petter 2002; Pereda Valdés 1965). Cabe ressaltar que não foi possível encontrar estudos anteriores que abordem de forma crítica o discurso de obras lexicográficas com foco no léxico de origem africana.

## 1.1 Objetivos e questões de pesquisa

Análises de estudos anteriores demonstraram que há uma grande discrepância entre os usos de uma mesma palavra de origem africana em duas variedades linguísticas ibero-rômanicas. O questionamento que motivou esse estudo seria por que razão *quilombo* tem significados diferentes de um lado e do outro da fronteira entre o Uruguai e a Argentina e o Brasil, e a partir desse fato, como explicar tais divergências?

Começamos com um inventário de registros da etimologia e o mapeamento do processo de integração da palavra *quilombo* nas línguas ibero-rômanicas no Brasil e no Prata, para posteriormente analisarmos a entrada *quilombo* em um conjunto de fontes lexicográficas, procurando entender qual a razão dos diferentes significados atribuídos à palavra (e seus derivados) nas duas variedades linguísticas em análise.

Como acreditamos que a etimologia e o caminho de integração são basicamente os mesmos, continuamos com o questionamento sobre o que teria provocado a diferença em uso e significado? De forma sistemática iremos analisar os registros da palavra para poder explicar as divergências observadas. A análise do verbete e de seus derivados em fontes lexicográficas focaliza os significados atribuídos às palavras. Imaginamos que os conceitos e as normas socio-culturais podem provocar diferenças em relação ao uso de palavras. Analisamos definições e comentários metalinguísticos, refletindo criticamente sobre as normas e os valores que essas fontes demonstram. Procuramos responder às seguintes perguntas:

1. Qual é a etimologia da palavra *quilombo* e qual foi o seu caminho de integração no português brasileiro e no espanhol na região do Prata? A palavra tem uma mesma etimologia em espanhol e português? Trata-se de empréstimos integrados diretamente das línguas africanas na América Latina?

## 2. Quais são as ideologias refletidas no discurso dos verbetes?

Para responder à primeira pergunta pretendemos fazer um inventário dos registros do vocábulo. Consideramos necessário adotar uma perspectiva ampla e dinâmica que transpasse a fronteira entre o Brasil e a região do Prata, e ainda se expanda incluindo os processos transatlânticos que envolveram a África e a Europa, na linha dos estudos incluídos em Álvarez López e Coll (2012).

Para responder à segunda pergunta, analisamos as definições e os comentários metalinguísticos que aparecem nas fontes lexicográficas selecionadas. Alguns dos estudos anteriores, que realizam análise do discurso de obras lexicográficas são Correia (2006), Elias (2006), Forgas Berdet (1996), Hornscheidt (2008). As perspectivas apresentadas nesses trabalhos foram consideradas relevantes e úteis para o presente estudo, já que acreditamos que tal abordagem possa, ao menos em parte, explicar as diferenças observadas entre os significados atribuídos a palavra *quilombo* no Brasil e na região do Prata.

## 1.2 Organização do trabalho

Na primeira seção é apresentado o tema e os objetivos da pesquisa; na segunda seção descreve-se o *corpus*; na terceira seção é apresentado as preliminares teórico-metodológicas; já na quarta seção é apresentado o inventário de registros do vocábulo em estudos anteriores, corpora de português e espanhol e fontes lexicográficas. A partir desse mapeamento procura-se apresentar o caminho de intergração da palavra *quilombo* nas variedades estudadas e analisa-se a maneira como as fontes lexicográficas apresentam o vocábulo. Por fim, na quinta seção são apresentadas as considerações finais.

## 2. Corpus

Nessa seção descrevemos o corpus, ou seja, as fontes lexicográficas e os corpora de espanhol e português, em que há registros do vocábulo em análise.

### 2.1 Dicionários e vocabulários

Procuramos incluir em nosso *corpus* todas as fontes lexicográficas do Brasil e da região do Prata (incluindo obras disponíveis online) nas quais aparece a palavra *quilombo* que consideramos relevantes e às quais tivemos acesso. Resolvemos também incluir obras de Portugal e de Angola para aprofundar a pesquisa. Além disso, os dicionários e vocabulários mais antigos foram utilizados para mapear os registros e analisar as acepções de uma perspectiva diacrônica. Todas as fontes selecionadas foram utilizadas em trabalhos anteriores, nos quais foram realizadas comparações do léxico de origem africana no português brasileiro e no espanhol da região do Prata (ver Álvarez López e Coll 2012).

Para ambos, português e espanhol, foram utilizados três tipos de dicionários e vocabulários: a) os que se limitam a palavras de origem africana; b) os de caráter regional; e c) os dicionários gerais de espanhol e português. Abaixo vemos as fontes em duas tabelas, divididas por língua.

**Tabela 1:** Fontes do Português

a) obras que tratam de palavras <i>de origem africana</i>	b) dicionários e vocabulários do <i>português brasileiro</i>	c) dicionários do <i>português</i>	Corpus
Raimundo, Jacques (1933) O elemento afro-negro na língua portuguesa.  Laytano, Dante de (1936) Os africanismos do dialeto Gaucho.	Pinto, Luiz Maria da Silva, (1832) Dicionario da Lingua Brasileira.  Beaurepaire-Rohan, Visconde de (1956) <i>Dicionário de</i>	Silva, Antonio Moraes (1789) Diccionario da lingua portugueza. Recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e	Davies, Mark/Ferreira, Michael (2006-). Corpus do Português (sécs. XIV-XX).

<p>Ribeiro, João (1939) O elemento negro. História, Folklore, Linguística.</p> <p>Mendonça, Renato (1973) [1933] A influência africana no português do Brasil.</p> <p>Agenot, Jean-Pierre &amp; Jacquemin, Jean-Pierre, et Vincke, Jacques (1974) <i>Répertoire des Vocables Brésiliens d'Origine Africaine.</i></p> <p>Lopes, Nei (1996) Dicionário banto do Brasil.</p> <p>Castro, Yeda Pessoa de (2001) Falares africanos na Bahia. Um Vocabulário Afro-brasileiro.</p> <p>Bonvini, Emilio (2002) Palavras de origem africana no português do Brasil: do empréstimo á integração.</p> <p>Bonvini, Emilio (2008a) Línguas africanas e português falado no Brasil.</p> <p>Bonvini, Emilio</p>	<p><i>Vocabúlos Brasileiros.</i></p> <p>Borba, Francisco da Silva (2002) Dicionario de usos do português do Brasil.</p>	<p>muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA.</p> <p>Aulete iDicionário (sem data) [versão online].</p> <p>Novo Dicionário Aurélio (2009) Versão 6.0. Dicionário eletrônico. 4a ed.</p> <p>Dicionário de Língua Portuguesa (2003) 8ª edição. Texto Editores.</p> <p>Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [online].</p> <p>Infopédia, Enciclopédia e Dicionários Porto Editora [online].</p> <p>Tavares, António e Camacho, Alberto (2008) O nosso dicionário: Dicionário da Língua Portuguesa.</p> <p>Houaiss, Antonio (sem data) [versão online] <i>Dicionário Hoauiss da Língua Portuguesa.</i></p>	
--	---	---	--

<p>(2008b) Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil.</p> <p>Salles, Vicente (2003) Vocabulário Crioulo: contribuição do negro ao falar regional amazonico.</p> <p>Cunha-Henckel, Rosa (2005) Tráfego de Palavras: africanismos de origem banto na obra de José Lins de Rego.</p> <p>Alkmim, Tania &amp; Petter, Margarida (2008) Palavras de África no Brasil de ontem e de hoje.</p> <p>Petter, Margarida (2002) Termos de origem africana no léxico do português do Brasil.</p>			
--	--	--	--

**Tabela 2:** Fontes do Espanhol

a) obras que tratam de palavras de origem africana	b) dicionários e vocabulários de <i>espanhol do Prata</i>	c) dicionários de <i>espanhol</i>	Corpus
<p>Álvarez López, Laura e Coll, Magdalena (eds.) (2012) <i>Una historia sin fronteras: léxico de origen africano en Uruguay y Brasil</i>.</p> <p>Laguarda Trías, Rolando A. (1969) <i>Afronegrismos rioplatenses</i>.</p> <p>Pereda Valdés, Ildefonso (1965) <i>El Negro en el Uruguay Pasado e Presente</i>.</p> <p>Serrat, Alberto Britos (1999) <i>Glosario da Afronegrismos Uruguayos</i>.</p> <p>Oderigo, Néstor Ortiz (2007) <i>Diccionario de Africanismos en el Castellano del Río de la Plata</i>.</p>	<p>Granada, Daniel (1957) [1889] <i>Vocabulario Rioplatense Razonado</i>. Kúhl de Mones, Úrsula (1993) <i>Nuevo Diccionario de Americanismos</i>. Tomo III. <i>Nuevo Diccionario de Uruguayismos</i> Academia nacional de Letras (2011) <i>Diccionario del Español en el Uuguay</i> (2011) Academia Nacional de letras del Uruguay. <i>Diccionario Integral del Español de Argentina</i> (2009)</p>	<p>Real Academia Española [en línea] <i>Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua española</i>.</p> <p>Real Academia española (2001) <i>Diccionario de la lengua española</i> [online] 22a ed.</p> <p>Corominas, Joan (1954) <i>Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana</i>.</p>	<p><i>Corpus diacrónico del español</i>. Real Academia Española: Banco de datos (CORDE) .</p> <p><i>Corpus de referencia del español actual</i>. Real Academia Española: Banco de datos (CREA) .</p>

## 2.2 Corpora

Com a finalidade de demonstrar exemplos de uso autênticos recorreremos aos corpora (cf. Svensén 2009: 284) de espanhol e português. Foram utilizados três corpora: o *Corpus do português* (textos com um total de 45 milhões de palavras, do século XIV até o século XX; Davies & Ferreira, 2006-); o CORDE (*Corpus diacrónico del español*<sup>2</sup>, “un corpus textual de todas las épocas y lugares en que se habló español, desde los inicios del idioma hasta el año 1975”, ver Real Academia Española); e o CREA (*Corpus de referencia del español actual de la Real Academia Española de la Lengua*, que inclui textos escritos e orais de todos os países onde se fala espanhol, 1975 a 2004, ver Real Academia Española). Essas fontes fornecem um panorama mais amplo, sob uma perspectiva diacrônica, de como as palavras eram empregadas em textos escritos.

---

<sup>2</sup> De aqui em diante, CORDE e CREA.

# 3. Preliminares teórico-metodológicos

Na presente seção serão apresentadas as perspectivas teóricas e metodológicas adotadas para o estudo da integração dos africanismos lexicais integrados nas variedades em estudo e para posterior análise do discurso dos verbetes.

## 3.1 Caminhos de integração de itens lexicais de origem africana

O processo de integração dos termos ocorreu em uma determinada época histórica, e as palavras podem estar integradas de tal forma que a origem africana já não é lembrada e as palavras derivadas adotam a morfologia do português ou do espanhol.

O método utilizado para estudar a integração dos vocábulos nas variedades em questão é o levantamento de registros anteriores. Pesquisadores proeminentes na área utilizam esse método nas suas pesquisas (ver, por exemplo, Alkmim & Petter, 2008; Bonvini, 2002, 2008; Petter 2002). Seguimos a proposta de Bonvini, que propõe que: “(...) se baseie na história a compreensão dos fatores, a saber, a existência e o conteúdo desse estoque lexical. Somente os dados disponíveis, realmente atestados e historicamente datados, podem servir de suporte à argumentação e à interpretação” (Bonvini 2008: 105). Portanto, procuramos registros da palavra *quilombo* em textos históricos, geográficos e linguísticos, provenientes da África, das Américas e da Europa, e ainda em dicionários e vocabulários, com o objetivo de traçar o seu caminho de integração.

Quando se pesquisa o caminho de integração de um empréstimo, é necessário considerar que os empréstimos podem se afastar do seu significado de origem. Bonvini afirma que no processo de integração de empréstimos lexicais "o vocábulo de partida sofre, certamente, alguma perda semântica (dessemantização), mas ao mesmo tempo adquire valores e propriedades novas, mais precisamente, uma significação gramatical estreitamente ligada a seu emprego em contextos lingüísticos novos” (Bonvini 2008: 123). Dessa forma, uma palavra pode se integrar a um novo contexto sociocultural,



mas ser utilizada com um significado diferente daquele que normalmente possuía na língua de origem. Como veremos, isso aconteceu no caso de *quilombo*, tanto no Brasil quanto na região do Prata.

Bartens (2012) discute as palavras de origem africana no português brasileiro e espanhol latino-americano, trazendo a questão da integração desses empréstimos, que pode acontecer através de processos de retenção ou de inovação. Propomos nesse estudo analisar o processo de integração da palavra de origem africana *quilombo*, a partir da proposta de hipóteses de integração apresentada em Bartens (2012: 52), que apresenta três explicações distintas para a integração das palavras de origem africana registradas em fontes provenientes de diferentes regiões latino-americanas:

1. Origem comum e difusão
2. Origem comum e adoção paralela
3. Empréstimo recente e neologismo, por exemplo, através da reafricanização

A primeira categoria apresenta o que chamamos de difusão, que ocorre quando uma palavra passa a ser utilizada em uma região ou contexto mais abrangente. A segunda categoria, origem comum e adoção paralela, representa o caso de palavras que tem origem na mesma língua africana, mas se integraram separadamente em variedades e regiões diferentes. A terceira categoria tem a ver com empréstimos recentes e neologias ocorridos graças a processos de reafricanização. Existem ainda vocábulos que passam a ser utilizados em contextos novos, mas como já foram integrados no português brasileiro há muito tempo não são mais reconhecidos como palavras de origem africana (Tillquist, 2010: 24). Nessa perspectiva, procuraremos saber qual foi o caso que ocorreu com a palavra *quilombo*.

## **3.2 Discurso e ideologias nos dicionários**

A nossa abordagem perpassa a análise do discurso e os estudos lexicográficos. Nunes (2008) propõe a articulação da análise do discurso com a história das ideias linguísticas, destacando o dicionário como objeto de estudo. Assim, o dicionário pode ser considerado um instrumento linguístico e, como tal, um objeto discursivo.

Escolhemos aqui trabalhar com o conceito de ideologia. Certas vezes, as atitudes e ideias dos falantes de uma língua são chamadas “atitudes democráticas”, porque são heranças de atitudes que circulam na sociedade e são compartilhadas (Sjöström, 2001: 56). As atitudes, emoções e discursos que aparecem na fala cotidiana, mas também na literatura, em dicionários e em diversos vocabulários e glossários podem ser interpretados como expressões da ideologia de um indivíduo ou de uma comunidade/sociedade.

Langenbacher-Lieb Gott (2006) aponta que os dicionários sempre são representantes das culturas e ideologias, e que de uma forma ou outra representam, comentam e descrevem:

Las consideraciones expuestas hasta aquí sobre la relación ‘diccionario y cultura e ideología’ son también válidas en torno al uso general de la lengua. El uso y, con él, las significaciones de las palabras – como las definiciones en los diccionarios – reflejan, de manera más o menos transparente, pensamientos, ideas y doctrinas, conocimientos e experiencias, valores y normas de una colectividad (sociedad) o una época determinadas; y es, sobre todo, en contextos socio-políticos, pero también religiosos por ejemplo, donde se manifiestan esos impulsos ideológicos. (Langenbacher-Lieb Gott, 2006: 78).

O trecho acima descreve a perspectiva que relaciona o estudo de registros, sejam esses textos, dicionários ou um *corpus*, com a ideia de que as fontes escritas estão intimamente ligadas com as ideologias e os discursos da sociedade.

Para poder falar sobre ideologia recorreremos ainda à perspectiva de Teun van Dijk (1995). Segundo esse autor, ideologia é:

[...] systems that are at the basis of the socio-political cognitions of groups (Lau and Sears, 1986; Rosenberg, 1988). Thus, ideologies organize social group attitudes consisting of schematically organized general opinions about relevant social issues, such as abortion, nuclear energy or affirmative action (Eagly and Chaiken, 1993) (van Dijk, 1995: 138).

As ideologias são os conceitos sobre a realidade que pertencem a um grupo e aos indivíduos que formam esse grupo. As opiniões pessoais, narrações, ideais e conceitos são expressas através de discursos. As estruturas do discurso estão ligadas às estruturas da ideologia, que se tornam visíveis através da análise do discurso (van Dijk, 1995: 143).

In sum, linking the surface of talk and text to underlying ideologies is a process fraught with complexities and contradictions. Indeed, the most persuasive ideologies may seldom be expressed at all, and we need a series of theoretical steps to elucidate the indirect ideological control of discourse in such cases (van Dijk, 1995: 142).

Essa perspectiva relaciona estruturas no discurso com ideologias vigentes na sociedade, e considera fatores de identidade tais como gênero, etnicidade e classe social na análise (Butler, 1988). Assim, van Dijk relaciona a linguagem e os discursos com ideologias:

In such an account, language users are defined as members of communities, groups or organizations, and are supposed to speak, write or understand from a specific social position. Ideological analysis then examines what ideologies are typically associated with that position, for example, in order to defend or legitimate that position, typically so by discourse. In relationships of dominance, such ideological discourse may thus serve to sustain or challenge social positions (van Dijk, 1995: 136).

Nessa análise, é relevante destacar a relação entre a linguagem, a sociedade e as ideologias. Sjöström oferece um exemplo de mudança de atitude visível na língua sueca, em que a palavra sueca  *neger*, com conotação semelhante a “preto/negro” em português, não é mais utilizada, porque representa valores e associações racistas, que hoje em dia não são socialmente aceitáveis (Sjöström, 2001: 56). A palavra foi substituída pelo termo *färgad*, “(alguém) de cor”, mas deve-se notar que esse termo também não é neutro ou livre de associações pejorativas (Sjöström, 2001). O mesmo autor conclui que os termos pejorativos conservam atitudes de outras épocas, que não correspondem com as ideias contemporâneas (Sjöström, 2001: 57). No entanto, é importante ressaltar, com respeito às afirmações desse autor, que mesmo que os termos sejam abandonados, isso não quer dizer que as visões pejorativas diminuam, mas apenas que são expressas de formas diferentes.

O mecanismo no qual o significado de uma palavra é negociado no discurso analisado faz parte de um processo coletivo, que se baseia nas ideologias e nos discursos que circulam em uma determinada sociedade e em um momento histórico específico. Na análise de estruturas de ideologia e discurso é relevante considerar as relações de poder entre grupos polarizados, e na época da escravidão havia uma divisão de poder muito rígida, baseada em ideais evolucionistas e racistas.

Percebemos que há ideias sobre “o outro” expressadas nos verbetes dos dicionários. É possível observar usos nos verbetes que conceitualizam um grupo como um “outro” distante. Por exemplo, “*ver-se grego/negro para, trabalhar como/que nem um mouro/galego*” (Correia, 2006: 157). O DRAE utiliza o mesmo exemplo de uso para o verbete  *negro*:

**negro** “trabajar más que un ~, o como un ~.l. locs. verbs. coloqs. Trabajar mucho” (DRAE, 2001).

A “Casa de la cultura Afrouruguaya” fornece mais um exemplo ao observar o uso de “negro” no DRAE, e publica na internet a campanha “borremos el racismo del lenguaje”, explicando que: “En nuestro lenguaje cotidiano existen expresiones que pueden tener un uso discriminatorio, una de ellas aparece en el Diccionario: “trabajar como un negro”. (<http://www.borremoselracismodellenguaje.com/s.php>).

Algumas das definições encontradas nos dicionários refletem as ideologias que circulavam quando os significados se estabeleceram de forma relativamente estável. Cabe notar que van Dijk (1995: 142) aponta que as ideologias são muitas, que não deixam de ser contraditórias e que os discursos muitas vezes se relacionam com várias ideologias ao mesmo tempo. No discurso, escrito ou oral, as pessoas negociam pertencimento a vários grupos e, dessa forma, posicionam-se criticamente em relação às ideologias. Isso pode ocorrer de forma elaborada, por exemplo, nos discursos políticos, ou de forma menos elaborada, como na fala cotidiana quando alguém critica um grupo de origem africana iniciando a frase com a afirmativa “não tenho nada contra os negros, mas...”. Nessa afirmação é evidente que: “between ideology and discourse we find more specific attitudes, knowledge, and particular mental models of events and contexts of communication” (van Dijk, 1995: 142). Ou seja, a cognição do indivíduo é um intermediário importante entre a ideologia e o discurso. Não se trata só de um pertencimento sociocultural, mas também da própria biografia e personalidade do usuário da língua que determina o discurso utilizado.

No emprego de termos, principalmente os que carregam conotações pejorativas ou outras controvérsias, a cognição do indivíduo e os fatores pessoais se entrelaçam com os conceitos sociais que influenciam a escolha do termo utilizado. Por exemplo, na escolha da palavra *quilombo* para referir-se a um prostíbulo, acreditamos que entram em jogo vários fatores, conscientes e inconscientes, que determinam este emprego em um dado contexto.

### **3.3 Os dicionários como objetos discursivos**

Tendo definido de que forma utilizamos a noção de ideologia, entramos especificamente na questão da abordagem dos dicionários como objetos discursivos. Os dicionários constroem realidades, segundo Hornscheidt (2008), fazem algo com as palavras que apresentam, e conseqüentemente, com a sociedade e a linguagem. Fischman argumenta que o dicionário, além de ser um objeto culturalmente construído, é um objeto que constrói cultura(s):

Thus, we must interpret dictionaries in context and see them as both resultant of and constructive of their contexts. Indeed, this is what we do with other cultural artifacts. We recognize them as reflections of their contexts but as more than reflections we recognize them as constituents of those contexts, contexts which we must try to know by means of as many other artifacts and cultural behaviors as possible. We must come to view dictionaries in a similarly holistic way (Fischman: 1995:34)

Forgas Berdet constata que há grande consenso em “que es el lenguaje el dominio preferente de las ideologías” (1996:71). Os dicionários representam a língua e por isso legitimam certas palavras e conceitos. Os lexicógrafos e autores de dicionários não podem não posicionar-se perante as ideologias vigentes no momento em que decidem quais palavras incluir e quais explicações devem aparecer em cada entrada:

A pesar de la inestimable ayuda teórica con la que cuenta el lexicógrafo actual para sistematizar y orientar su tarea, llega un momento que se enfrenta inevitablemente a la tesitura de empezar a definir un lema, o sea, otorgar sentido a una palabra. Para ello deberá fiarse -pertrechado en su trinchera teórica y armado de un bagaje conceptual propio-de su competencia personal como hablante -se supone experimentado-de la lengua que va a reordenar, y enfrentarse a una serie de retos. El cuerpo de la definición, los elementos léxicos de carácter valorativo, la implicación del yo, el hiperónimo elegido, la organización de especies dentro de un género, resultan claramente definatorias de la ideología del lexicógrafo o lexicógrafos y de la clase social que los apoya y de la cual emergen (Forgas Berdet, 1996: 77).

As ideologias se refletem no discurso dos dicionários e devemos ter consciência disso ao utilizar esses dicionários como fontes. No emprego deles como fonte de estudo é importante adotar uma posição crítica, pois a ideologia está sempre presente: "dictionaries may speak to us openly or in disguised fashion, but speak to us they do" (Fischman, 1995: 29).

## **3.3 Metodologia de análise**

Nessa seção apresentamos quais as metodologias de análise que escolhemos para realizar a pesquisa.

### **3.4.1 Estrutura das fontes lexicográficas**

Apresentamos aqui as estruturas das fontes lexicográficas enfocadas nesta pesquisa. Como é mostrado, por exemplo, nos estudos de Correia (2006) e Elias (2006), os dicionários oferecem informações que definem qual é o seu tipo e para quem se direciona. As fontes lexicográficas incluídas nessa pesquisa foram selecionadas a partir da língua (português, espanhol), região (continente africano, Portugal, Espanha, Brasil, Rio da Prata) e enfoque (palavras de origem africana). Com o objetivo de trabalhar com registros, não pareceu tão relevante, nesse primeiro momento de análise, nos aprofundamos em estruturas ou tipos de dicionário.

Enfocamos na parte do dicionário que nos oferece o registro da palavra *quilombo*. Na análise de dicionários é possível focar na macroestrutura e na microestrutura. A macroestrutura são os verbetes e a organização desses, e, portanto, algo que não é central para nossa análise, já que aprofundaremos em apenas um verbete. A microestrutura é o que se encontra em cada verbete. São as informações sobre etimologia, definições, exemplos e as marcações<sup>3</sup>. As definições são o texto descritivo, inclusive as próprias acepções, que em conjunto definem os significados da palavra. A nossa análise enfoca a microestrutura, e dentro dessa estrutura, principalmente as definições e as marcações.

Hornscheidt (2008) propõe uma abordagem analítica que considera vários aspectos: tipo de dicionário, prefácio, entradas, definições e acepções, exemplos de uso, comentários metalinguísticos, comentários ou/e informações etimológicas. Para cada nível de análise Hornscheidt formula questões centrais, úteis para quem realiza um estudo crítico do discurso de obras lexicográficas. Ao adotar a proposta metodológica dessa autora, que se adapta ao nosso *corpus*, o foco da nossa análise estará no *meaning explanations* (definições e acepções) e *metalinguistic comments* (comentários metalinguísticos) (Hornscheidt 2008: 115-125).

### **3.4.2 Análise das definições e acepções**

As definições são a parte central dos dicionários, e constituem os textos que pretendemos analisar. Forgas Berdet (1996: 70) aponta que o primeiro problema do lexicógrafo está na escolha do hiperônimo, que é a primeira palavra que se anota na descrição. Essa palavra carrega o grande peso de definir resumidamente o significado. O texto que segue ao hiperônimo em cada acepção é o que explica os significados, usos e, às vezes, marcas que determinam como a palavra é definida.

Procuramos entender como as definições da palavra *quilombo* foram construídas e identificar nelas os fatores ideológicos. Para auxiliar em nossa análise crítica, foram considerados alguns questionamentos propostos por Hornscheidt, por exemplo: De qual perspectiva se formula a definição/acepção da palavra, e assim a generaliza, neutraliza e normaliza? O que está pressuposto no verbete? Há avaliações explícitas ou implícitas no verbete? (Hornscheidt 2008: 116).

Tais questionamentos foram utilizados como orientação ao longo da pesquisa, uma vez que os observamos de forma empírica nos dados analisados. Dessa forma, buscamos uma compreensão dos significados atribuídos à palavra *quilombo*. Tais perguntas analíticas ofereceram uma perspectiva crítica ao trabalhar com dicionários como fontes.

---

<sup>3</sup>Cf. Amorim / Durão Schneider (s.d.), capítulo: "La Lexicografía", [http://wright.hiperlab.egr.ufsc.br/~robson/domQuixote/la\\_lexicografia/la\\_lexicografia.html](http://wright.hiperlab.egr.ufsc.br/~robson/domQuixote/la_lexicografia/la_lexicografia.html) (22-07-2013).

### 3.4.3 Análise dos comentários metalinguísticos

Os comentários metalinguísticos não seguem padrões. Eles podem variar conforme os dicionários considerados e ainda entre as entradas de um mesmo dicionário. Na análise estudamos as marcas como “vulgar”, “coloquial”, etc., como um tipo de comentário metalinguístico. Os comentários destacam-se pela distinção teórica que se faz entre sentido e uso, tornando-se visíveis pelas marcas no texto. Assim esses comentários podem ser entendidos como informações adicionais, que não negam a autenticidade da explicação apresentada e apenas parecem ser usados como informações não obrigatórias (Hornscheidt, 2008: 121-122). Fishman (1995: 34), fornece um exemplo de comentários metalinguísticos que são mais que aspirações linguísticas ou lexicográficas: são primeiramente alvos ideológicos. Ou seja, ao analisar os comentários metalinguísticos podemos identificar conceitos de norma, valores e ideologias. Hornscheidt (2008) comenta que as marcas demonstram que há uma forma neutra de utilizar a palavra quando o significado pejorativo é atribuído ao uso. Porém, explica que certas formas são tão discriminatórias nos seus empregos que os dicionários deveriam mostrar isso:

However, certain forms are in certain social and historical context so basically discriminatory in their usage that this has to be shown in dictionaries as their actual basis and not as some form of additional remark or exception. (Hornscheidt, 2008: 123)

Para mostrar como isso ocorre, segue um exemplo do dicionário da Academia Sueca, *Svenska Akademiens Ordlista*: a entrada “*negerboll*”<sup>4</sup>, “bola de negro” para um doce feito com chocolate, então escura “como um negro”. Primeiramente é marcada como *vard.* (cotidiano), segundo pelo comentário - *använd hellre chokladboll* (preferidamente utilize bola de chocolate). Observamos como os autores do dicionário estão conscientes de que é uma palavra com conotação racista, mesmo sendo utilizada no cotidiano sueco e resolvem o conflito com um comentário moralista, que pode ser interpretado como uma consciência do debate que ocorre às vezes sobre esse vocábulo. No entanto, ao incluí-lo no dicionário, já se legitimou o seu uso, independente do comentário. Hornscheidt explica que: “metalinguistic comments serve as exceptions to a generally assumed meaning, which becomes de core meaning- independent of usage” (Hornscheidt 2008: 124).

Em relação à análise sobre os comentários metalinguísticos, alguns questionamentos sugeridos por Hornscheidt, nos auxiliaram novamente: Como os comentários metalinguísticos neutralizam certos usos e avaliam outros? O que é construído como desvio da norma pelos comentários metalinguísticos? Quais grupos sociais são mencionados explicitamente no contexto metalinguístico? (2008: 122).

---

<sup>4</sup> Ver [http://www.svenskaakademien.se/svenska\\_sprak/svenska\\_akademiens\\_ordlista/saol\\_pa\\_natet/ordlista](http://www.svenskaakademien.se/svenska_sprak/svenska_akademiens_ordlista/saol_pa_natet/ordlista) (01-03-2013).

## 4. Análise dos registros de *Quilombo*

Em um primeiro momento, procuramos pesquisar se a palavra *quilombo* tem a mesma origem e se ela foi integrada nas duas línguas pelo mesmo caminho.

### 4.1 Origens da palavra

O vocábulo *quilombo* tem origem na língua *quimbundo*, do grupo Banto da família nigero-congolesa, que inclui uma série de línguas faladas nas regiões localizadas ao sul do equador na África (Castro, 2001). No primeiro registro desse vocábulo, do século XVII, a etimologia indicada é do quimbundo “*lundo*”, que significa ‘aldeia, libata’ (Heinze 1985). Outras fontes históricas verificam o uso da palavra com o significado de acampamento militar e também é utilizada para designar o próprio exército (Cadornega 1975 [1680-81]).

Nas demais fontes não é especificada a etimologia, que só aparece na obra de Raimundo (1933), que indica que sua origem é do “*ambundo*” *kilombo* ‘acampamento, arraial’ (para uma discussão de *ambundo*, veja-se Álvarez López, 2012: 63). Já o *Dicionário Houaiss da língua Portuguesa* [online] indica a datação do século XVI e a etimologia do quimbundo *kilombo* ‘união; cabana, acampamento, arraial, povoação; capital; exército’, com referência à obra de Nei Lopes (1996).

Contudo, parece que as etimologias oferecidas pelas diferentes fontes foram associadas a vários itens lexicais em línguas aparentadas, como quicongo, quimbundo e umbundo (Castro 1976, apud Cunha-Henckel 2005:153). Parece que a etimologia correta seja da língua banto quimbundo, ou do quicongo, do item lexical *kilombo* como registrada por, por exemplo, Castro (2001).

**quilombo** (banto) Kik./Kimb. kilombo, aldeamento (Castro, 2001).



## 4.2 Os primeiros registros

Serão apresentados os primeiros registros que são importantes para mapear o caminho de integração.

### 4.2.1 Registros em português

Percebemos que a busca de registros históricos de *quilombo* é algo que interessa aos pesquisadores, tanto em relação à linguística como também nos campos da história e da antropologia. O primeiro registro da palavra encontra-se em fontes de língua portuguesa. Vansina (1996) comenta um trabalho sobre a história de São Tomé realizado pelo pesquisador Robert Garfield em 1971, menciona que havia pequenas comunidades na mata chamadas *quilombos*. O mesmo trabalho é destacado por Heintze (1985), que apresenta dados documentados nos anos 1622-1635, que demonstram que a palavra *quilombo* é registrada como utilizada no português de Angola da seguinte forma:

**quilombo** Os Angolares de S. Tomé de origem angolana - possivelmente da etnia mbundo- que, por volta de 1544 ficaram na ilha depois de um naufrágio, construíram aí aldeias, às quais chamavam quilombos. Em Angola, os Mbundu e especialmente os “Jaga” (Mbangala) designavam com o termo quilombo o acampamento militar ou arraial, aplicando-o também, sem sentido mais lato, às tropas em geral (Heintze, 1985: 126).

O mesmo tema, a relação entre os jagas e o termo *quilombo*, é objeto de estudo do antropólogo Kabengele Munanga (1995/96). Contudo, ainda é difícil mapear a entrada da palavra no português. Segundo as pesquisas de Vansina, a primeira vez que se pode dizer com certeza que a palavra é utilizada no português de Angola é em 1615 (Vansina, 1996: 454). Segundo Bonvini, há três fontes dos séculos XVII-XVIII que atestam seu uso no Brasil, mesmo que façam referência à língua portuguesa em Angola: Cadornega em 1680-1681, Cavazzi em 1681 e Corrêa em 1782 (Bonvini, 2008). Em relação ao Brasil, Vansina julga que o termo *quilombo*, com o significado de "a hideaway place for runaway slaves" foi estabelecido no século XVIII (1996: 457). Moraes Silva recolhe o termo no *Dicionário da língua portuguesa* com a acepção de:

**quilombo** (usado no Brasil). A casa sita no mato, ou ermo, onde vivem os calhambolas, ou escravos fugidos (Moraes Silva, 1789)

Pinto registra no *Diccionario da Língua Brasileira*:

**quilombo** No Brasil, a pousada, ou aposento onde se recolhem em sociedade no mato os pretos fugitivos, a que chamão Calhambolas (Pinto, 1832)

Da mesma forma, procuramos a palavra em fontes provenientes de Portugal e encontramos no *Dicionário de Língua Portuguesa* de 2003 (com a marca diatópica “Brasil”), *Dicionário Priberam da língua portuguesa* em a versão atual online (com a marca “Brasil” e “Angola”) e o *Infopédia Enciclopédia e Dicionários Porto Editora* na versão atual online (com as marcas diatópicas “Brasil” e “Angola”). Procuramos também a palavra em *O nosso dicionário: Dicionário da Língua Portuguesa* (2008), porém não figura.

Essas fontes não são suficientes para afirmar que a palavra foi utilizada em Portugal. Percebe-se que há registros da palavra em quase todos os dicionários atuais, independente da variedade de português. Ressalta-se ainda que o vocábulo aparece sempre com a marca diatópica “Brasil” ou “Angola”. Observamos a tendência dos dicionários atuais em registrar termos em português do mundo inteiro, incluindo todas as regiões onde a língua portuguesa é falada. Assim não é correto tomar estes registros como indício de que a palavra tenha se integrado ao português europeu.

#### **4.2.2 Registros em espanhol**

Na busca do primeiro registro, na região do Prata, encontramos um que confirma um uso da palavra *quilombo* no espanhol latino-americano. Rasico (1999) observou um registro da palavra no *Nuevo diccionario de la lengua castellana*, publicado em 1863 por Vicente Salvá. Segundo o mesmo, a sexta edição contém a entrada *quilombo*, com a acepção de ‘bordel’ e o classifica como um provincialismo da América do Sul (Rasico, 1999: 167). Esse dado é o mesmo que Bartens refere como o primeiro registro na lexicografia espanhola (Bartens 2012: 63). Portanto, na região do Prata observamos o primeiro registro de *quilombo*, por Daniel Granada, no *Vocabulario Rioplatense Razonado*, o qual a primeira edição data de 1889. Granada oferece as acepções sobre o uso da palavra no Prata:

**quilombo** 1. Lupanar. 2. En el Brasil llaman quilombo, á la habitación clandestina, en un monte é desierto, que servía de refugio á los esclavos fugitivos (Granada, 1957 [1889]).

Em suma, os primeiros registros do vocábulo em espanhol e em português na América Latina mostram que o uso no português, desde o século XVIII, adquiriu um significado que se mantém até hoje. Porém, no espanhol possui um significado muito diferente desde o primeiro registro encontrado, que data do século XIX.

## 4.3 Formas derivadas de *quilombo* e vocábulos relacionados

Nas fontes lexicográficas em português que dispomos, há três palavras que aparecem com frequência para designar o refúgio dos escravos fugidos e para designar também os seus habitantes, são elas: *quilombo* (*quilombola*), *mocambo* (*mocambeiro*) e *calhambola*. É importante analisar a relação entre essas palavras a partir de uma perspectiva histórica, o que nos pode oferecer informações valiosas sobre o seu uso e integração nas variedades que aqui estudamos. Observamos que o vocábulo *quilombo* está integrado ao espanhol do Prata, porém, encontramos apenas os seguintes registros de formas derivadas de *quilombo* nessa região:

**quilombear** *v intr obsol* Frecuentar prostíbulos un hombre [*E*: **putear**].

**quilombero, -a** *sust/adj 1 coloq!* Persona que asiste asiudamente a un --> **quilombo** <2> o trabaja allí [*E*: **putañero, -a, putero, -a**] | **2 coloq!** Persona que hace alboroto y provoca desorden o confusión.

**quilombo** *m 1 coloq!* Situación en la que imperan la confusión y el desorden [*E*: **descojone**; *U*: **coginche, desbole, desconche, despelote, quibebe, quincho**]. *Obs: cf bolonqui.* | **2 coloq!** Prostíbulo [*U*: **queco**]. (Kühl de Mones, 1993: 326)

No registro acima observamos que o significado da palavra *quilombo* continua sendo o mesmo e os derivados *quilombear* e *quilombero*, também se referem às atividades ou aos lugares relacionados com a prostituição e/ou desordem. Encontramos apenas um registro de *mocambo* numa fonte espanhol, portanto, só menciona seu uso no Brasil (Britos Serrat, 1999: 98). Como encontramos poucos registros, os quais não oferecem informações que mudam a análise, iremos nos limitar ao estudo das fontes de língua portuguesa.

Nos registros analisados observam-se quais as formas derivadas que evidenciam o uso dos termos em uma perspectiva histórica. É possível que se registrassem várias formas derivadas durante uma determinada época, porém menos em outras épocas. No entanto, Alkmim & Petter observam que: "há uma tendência conservadora no que diz respeito aos vocábulos de origem africana nos dicionários atuais, que incluem todas as variantes e acepções sem refletir sobre o seu uso real<sup>5</sup>" (2011:53). Dessa forma, torna-se difícil avaliar a vitalidade contemporânea destas formas derivadas, uma vez que os dicionários atuais tendem a incluir todas as formas das palavras de origem africana, embora algumas delas possam ser arcaicas e pouco utilizadas na atualidade.

Apresentamos uma comparação dos termos que são parecidos em seus empregos, *mocambo* e *quilombo*, e os dados que apontam tais diferenças. Quando organizamos os registros e as definições

---

<sup>5</sup> Tradução nossa.

dos termos, observamos igualmente as acepções das palavras derivadas, que podem variar. A raiz da palavra é a forma fixa que recebe sufixos e afixos (Basílio, 1987: 9). Em primeiro lugar, percebe-se que os derivados são muito similares na forma, consistindo de prefixos e sufixos portugueses juntados à raiz da palavra de origem *banto*.

#### **4.3.1 Derivados de *quilombo* no português brasileiro**

Passemos agora para a análise das formas derivadas de *quilombo* encontradas em fontes brasileiras. A primeira palavra derivada a ser registrada é *quilombola*. Essa é a palavra derivada com mais registros: encontramos sete registros entre os anos 1933-2012.

Em 1933:

**quilombola** escravo refugiado em quilombo (Raimundo, 1933: 153-154).

Raimundo registra outros derivados:

**aquilombar(-se)** reunir, ocultar, esconder em quilombo

**aquilombado** refugiado em quilombo (1933: 153).

O *Aulete iDicionário* [online] também registra o último, mas acrescenta como uma segunda acepção:

**aquilombado** 2. que é semelhante a um quilombo (*Aulete iDicionário*, online)

Outro registro mais antigo que encontramos é o de quilombeiro em 1939 por Ribeiro:

**quilombeiro** no sertão de S. Francisco também se diz *quilombeiro* e assim o registra James Wells-3.000 Miles through Brazil (II, 161) e define-o como *outlaws* (Ribeiro, 1939: 118).

Outros derivados que se referem aos *quilombolas* são: *quilombolista*, registrado por Lopes (1996) e *quilombense* e *quilombado*, registrado pelo *Aulete iDicionário* [online].

Percebemos que, nas fontes da pesquisa, só se encontram os registros dos derivados de *quilombo* no século XX, mesmo que a palavra base tenha se integrado ao português brasileiro já no século XVII.

### 4.3.2 *Mocambo* e os seus derivados nas fontes lexicográficas

Na análise da palavra *quilombo* percebemos que há uma palavra relacionada a *quilombo*, não somente no seu significado, mas também na etimologia. É relevante considerar a palavra *mocambo* num estudo sobre *quilombo* porque são próximos semanticamente e parecem ter o mesmo significado e uso.

O vocábulo *mocambo* está registrado em várias fontes: os dicionários gerais *Aulete iDicionário* [online], *Aurélio* (2009), *Houaiss* [online], Moraes Silva (1789), Pinto (1832). Também está em vocabulários e dicionários especializados em palavras de origem africana (cf. Castro 2001; Cunha-Henckel 2005; Laytano 1936; Lopes 1996; [1933] 1973; Raimundo 1933; Ribeiro 1939). Também encontramos vocábulo em uma obra sobre africanismos no Uruguai, Britos Serrat (1999), que só registra dados do Brasil.

É sabido que o vocábulo *mocambo* também seja de origem africana, mas assim como no caso de *quilombo*, há várias hipóteses sobre a sua etimologia, como registrado por Cunha-Henckel:

**mocambo** Casa precária. Classificação diacrônica: 1535. Atualmente, em Portugal, o termo só é conhecido por ser marca de um café solúvel. No Brasil, o significado inicial do termo era "coto de escravos fugidos na floresta" (NDA<sup>6</sup>), ou seja, o mesmo que quilombo. Sendo assim conservava o mesmo significado das línguas-fonte: quimbundo *mukambu* "hideaway" e quicongo *mukambu* "cumieira" (Daeleman 1993<sup>7</sup>: 129). Segundo Cunha (DENF<sup>8</sup> 1986), apesar de o termo se encontrar em muitos documentos quinhentistas relativos aos antigos domínios portugueses na África, foi no Brasil que ele se difundiu de maneira mais intensa desde o período colonial, graças ao estreito convívio dos brancos com os escravos negros. Neste sentido, o termo passou a ser um arcaísmo, só sendo encontrado em textos históricos. Com o passar do tempo o termo passou também a significar "casebre miserável" [...]. É, portanto, um regionalismo (NE<sup>9</sup>) do PB (Cunha-Henckel, 2005: 141-142).

Cunha-Henckel (seguindo Cunha) sugere como início da classificação diacrônica o ano de 1535 (2005: 141). Essa é a data mais antiga que encontramos nas fontes, e julgamos que possa ser o primeiro registro no Brasil. Moraes Silva (1789) registra *mocambo* com a seguinte acepção:

---

<sup>6</sup> NDA = Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (1986): *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

<sup>7</sup> Daeleman, Jan (1991-1993): "Remarques sur les vestiges de langues africaines dans le portugais du Brésil", *Orbis* 34, 119-135.

<sup>8</sup> DENF = Cunha, Antônio Geraldo da (1987): *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

<sup>9</sup> NE = Nordeste.

**mocambo** quilombo, ou habitação feita nos matos pelos escravos pretos fugidos no Brasil. Manuscrito da Razão do Estado do Brasil, por D. Diogo de Menezes em 1612. Qualquer choça ou palhoçazinha no Brasil para habitação ou se recolhem os que vigiã lavoiras (Moraes Silva, 1789: 307)

No século seguinte Pinto (1832) registra:

**mocambo** habitação que fazem os pretos fugitivos nos matos, chamada por outro nome Quilombo (Pinto, 1832)

Observa-se que essa última fonte é um “dicionário da língua brasileira”, ou seja, um dicionário do português brasileiro. Podemos confirmar, com esses dados, que *mocambo* é mais um vocábulo que viajou com os seus falantes e se integrou à língua portuguesa. Além disso, há um dado que sugere uma difusão para a região do Prata:

**mocambo** el ‘mocambo’ o ‘quilombo’, señaló un importante progreso en la lucha de los esclavos y que les permitió enfrentar y repeler al “capitao-do-mato” (mercenario encargado de perseguir y cazar a los cimarrones- esclavos fugados de sus amos. Nombre derivado de las chozas cubiertas de paja, donde vivían los negros. Documento de 1612, - habitación en el mato por los esclavos negros fugados en Brasil- En el siglo XVII, poblaciones establecidas por los esclavos fugitivos (cimarrones) (Britos Serrat, 1999: 98).

Porém, Britos Serrat não explica se está se referindo a um documento escrito em espanhol ou em português. Este dado nos informa que no Prata se utiliza a palavra cimarrón para designar os escravos fugidos. O que em espanhol é designado cimarrón (maroon em inglês), levava no Brasil as denominações *quilombola*, *mocambeiro/mocamau/mocamao* e *calhambora*.

Em total encontramos onze derivados de *mocambo*, entre os séculos XV-XXI. O primeiro registro de um derivado de *mocambo*, data de 1597-1617:

**mocamau** escravo que fugia e ia viver em mocambos; mocambeiro, macamã. Obs.: cf. Quilombola (*Houaiss*) [online]

Note-se que, o primeiro registro que temos da palavra base *mocambo* é de 1535 (Cunha-Henckel, 2005). Assim percebemos que o derivado foi registrado em uma época relativamente próxima ao primeiro registro da forma base da palavra.

Em 1789 é registrado *mocambinho*, diminutivo de *mocambo*, no *Diccionario da lingua portugueza* de Moraes Silva. O mesmo dicionário registra também:

**mocamaos** negros fugidos no Brasil, que vivem pelos matos em Quilombos, aliás *calhambólas*, fugiões de mocambos (Moraes Silva, 1789)

O mesmo derivado, *mocamaos*, é registrado por Pinto em 1832. Outra palavra derivada de *mocambo*, *mocambeiro*, foi registrada primeiramente em 1899 conforme o *Houaiss* [online]. Essa fonte define acepções diferentes dependendo da região geográfica de utilização:

- mocambeiro** 1. Regionalismo: Brasil. que o aquele que se foragia ou morava em mocambo [refúgio] (diz-se de ou o escravo); quilombeiro
2. Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Nordeste do Brasil. que o quem mora ou se abriga em mocambo ("tapera")
3. Regionalismo: Nordeste do Brasil. vigilante de terreno cultivado.
4. <sup>(1913)</sup> Regionalismo: Norte do Brasil, Nordeste do Brasil, que o que se refugia no mato (diz-se de animal) (Houaiss) [online]

*Mocambeiro* está registrado a partir do século XVIII até o dia de hoje, em cinco fontes diferentes. Salles (2003) registra:

**mocambeiro** o que vem do ou habita no mocambo. No baixo Amazonas, principalmente na região do Trombetas, nome genérico de todos os negros habitantes do interior (Salles 2003: 199).

O autor ainda nota que:

[...] desde 1701 há notícia de mucambos no estado do Maranhão e Grão-Pará, no sertão do Turiaçu. Tão numerosos e importantes foram os que se organizaram no interior de planície, ao longo do regime escravista, que geraram abundante documentação (Salles 2003: 199)

Segundo o autor, *mocambeiro* está sendo utilizado como “nome genérico de todos os negros habitantes do interior” (2003: 199). Essa informação sugere que, nesse dado lugar, um vocábulo passou de uma designação específica de um grupo entre os afro-descendentes para um termo genérico, utilizado por todos os moradores do interior com cor de pele escura. No entanto, isso não implica que todos esses sejam descendentes dos *mocambeiros* verdadeiros, mas que são moradores de um lugar específico e pertencem a um grupo socialmente diferenciado, justamente pela cor.

Em síntese, percebemos uma preferência pelo uso da palavra *quilombo*, no que se refere às comunidades contemporâneas, assim denominadas no Brasil. *Mocambo* parece ter tido grande vitalidade, principalmente entre o século XVI até os meados do século XIX, visto que encontramos uma grande quantidade de derivados (criação lexical), algo que pode indicar tal vitalidade (Alkmim & Petter, 2008: 170). De qualquer forma, as mesmas autoras observam que há tendências nos dicionários atuais de registrar cada forma e significado da palavra de origem africana, independente se esta é utilizada hoje em dia (Alkmim & Petter 2011). Assim, não devemos tirar conclusões precipitadas apenas a partir dos registros dos dicionários sem aprofundar na sua análise.

Percebemos uma preferência pelo termo *quilombo*, embora também exista o termo *mocambo*. Esse fato pode ser explicado pela entrada precoce do vocábulo *mocambo*, que passou a ser muito utilizado e que tomou onze formas derivadas no português brasileiro, que foram registradas nas fontes selecionadas. Não obstante, parece que *mocambo* perdeu a vitalidade com a popularidade e difusão do *quilombo* durante o século XX, e Castro (2001) ainda classifica esse termo como arcaico. Os significados atribuídos a *quilombo* e *mocambo* não indicam uma preferência devida à diferença de conteúdo semântico. Pelo contrário, parece que a designação dada na história, por exemplo, "*Quilombo de Palmares*", levou à preferência pelo termo *quilombo*.

Atualmente a Fundação Cultural Palmares, fundada em 1988, vinculada ao Ministério de Cultura do governo brasileiro, trabalha para promover e preservar a cultura afro-brasileira. No site da Fundação informa-se que o Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-brasileiro (DPA) certifica áreas *quilombolas*: "documento expedido pela Fundação após receber um pedido das comunidades, se autorreconhecendo como remanescentes de *quilombos*"<sup>10</sup>. Com esse exemplo, temos um uso moderno da palavra, uma nova acepção, que não se limita a comunidades onde moram escravos e libertos remanescentes de antigos *quilombos* ou herdeiros das terras dos senhores.

### **4.3.3 Calhambola nas fontes lexicográficas**

A palavra *calhambola* apareceu nos registros quando pesquisamos a palavra *quilombola*. Quando pesquisamos a etimologia da palavra percebemos que há uma etimologia diferente das outras palavras que estudamos, *quilombo* e *mocambo*. A etimologia de *calhambola* é sugerida por Moraes Silva (1789):

**calhambola** de *canhen-bora*, palavra da Língua geral Brasilica (Moraes Silva, 1789)

Angenot e Jacquemin comentam *quilombo*, *mocambo* e *calhambola* da seguinte forma:

---

<sup>10</sup> Ver <http://www.palmares.gov.br/quem-e-quem/> ( acessada em 28-05-2012).



[...] abri ou retraite dans la brousse, où se réfugiaient les Noirs fugitifs; mocambo. Dérivés: *aquilombado*, *aquilombar(-se)*. *Quilombola*, s.m.: esclave réfugié dans un quilombo. Il s'agit d'un mot hybride résultant d'une confusion avec le tupi *canhimbora*, celui qui a l'habitude de fuir, le fuguer. Ce mot tupi a pris plusieurs formes: *canhembora*, *canhambor*, *calhambora*, *caiambor*, *calhambola*, *carambola*, jusq'au croisement *quilombola* formé de *quilombo*+ suffixe tupi *bora* (Angenot & Jacquemin, 1974: 140).

O termo tem origem tupi e não africana, diferentemente de seus sinônimos, *quilombola* ou *mocambeiro*. Ressalta-se que os dicionários *Houaiss* [online] e *Aurélio* (2009) registram o verbete *quilombola* e *calhambola* como sinônimos. Salles comenta “Os termos se confundem, como se fossem sinônimos, na documentação histórica do Pará e quase sempre são usados indiferentemente” (Salles, 2003: 222). Além disso, na acepção de *quilombo*, o mesmo dicionário utiliza o termo *calhambola* para designar os escravos fugidos, utilizando uma palavra derivada de origem tupi para designar esses indivíduos. Imaginamos que isso possa ocorrer talvez por razões estilísticas ou ainda que essa palavra derivada estivesse mais estabelecida na época do que a palavra equivalente *quilombola*.

#### **4.3.4 Mocambo e calhambola no Corpus do Português**

Recorremos ao *Corpus do Português* para verificar os dados que se referem a registros e empregos dos termos. *Mocambo* aparece em oito registros, entre os séculos XIX e XX. Quatro desses utilizam *mocambo* como topônimo e um é utilizado para nomear um clube de música. Esses registros de *mocambo* possuem características de algo antigo, rústico e de caráter campestre. *Mocambeiro* tem cinco registros, todos com o significado de “gado”, em uma mesma obra literária de 1875. Outra forma de *mocambo* é *mocamau*, que ocorre em um registro de 1958. Também existe *amocambado*, com um registro em 1997, o qual significa ‘escondido’.

No entanto, *calhambola* aparece apenas uma vez, no registro:

Eu também, prosseguiu Linda sem notar a perturbação da amiga, estou bem assustada. Não quis mostrar para não agoniar mamãe ainda mais do que ela estava; porém quando me lembro que papai tem de passar por esse lugar da Ave-Maria fico fria e toda trêmula. - Ora menina, deixe-se de faniquitos, replicou Afonso a rir. Senão já chamo o tal João Fera para tirar-lhe o susto. É como se faz com as crianças, para não terem medo do **calhambola**. - Esteja sossegada, que nada há de acontecer; eu lhe prometo! disse Miguel. - Obrigada! Mas papai demorou-se muito. Para a hora que saiu já devia estar bem longe. Fazendo este reparo dirigiu-se a Linda ai outeiro para observar o caminho. Miguel foi a seguindo, esforçando por manter-se de animo sereno a fim de não redobrar o susto da moça. (José de Alencar, *O Til*, 1871, em Davies & Ferreira 2006-).

O único registro que temos de *calhambola* é o de um autor brasileiro, conhecido pelos romances de temática de romantismo indígena, fato que talvez explique o emprego da palavra de origem indígena

nesse contexto. Observa-se no trecho citado que a palavra poderia ser trocada por *quilombola* ou *mocambeiro* sem alterar o significado da frase, algo que indica que sejam sinônimos. Devido termos encontrado apenas um exemplo de uso da palavra *calhambola* no *Corpus do Português* julgamos que não é uma palavra muito utilizada e não parece que seja usada ainda hoje<sup>11</sup>. A partir das fontes analisadas, constatamos que há muitos registros da palavra *quilombo* em textos escritos. No entanto, o seu âmbito de emprego pode ser restrito, pois é marcada como regionalismo pelos dicionários. Esses âmbitos de emprego encontram-se também no corpus quando observamos o contexto, tipo de texto, tipo de obra, ano de edição em que aparecem as palavras.

Pelo significado dos termos *mocambo*, *quilombo* e *calhambola*, o âmbito de emprego seria, principalmente, os ambientes rurais, históricos ou acontecimentos da época da colônia. No caso de *mocambo* observamos grande frequência de topônimos, algo que indica um uso do termo em uma época distante em um lugar específico. Em suma, essas palavras carregam um valor histórico que as preserva, mesmo que os seus referentes não representem algo cotidiano para os brasileiros contemporâneos.

## **4.4 O caminho de integração de *quilombo***

Na proposta de Bartens (2012), explicada nas preliminares teórico-metodológicos, entendemos que as sugestões de processo de integração se aplicam quando um item lexical for encontrado, com aproximadamente a mesma forma e significado em mais de uma variedade linguística.

### **4.4.1 Integração na língua portuguesa**

Em primeiro lugar, analisamos o caminho de integração de *quilombo* nas variedades da língua portuguesa. Observamos que é necessário observar não apenas as datações dos registros da palavra, mas também os significados atribuídos ao vocábulo. No caso de *quilombo*, percebemos que há alterações no conteúdo semântico. No Brasil, segundo Alkmim & Petter (2008: 157), a palavra *quilombo* faz parte da categoria de termos que “podem ser usados em qualquer interação social” em comparação com outros termos pesquisados que são de uso mais restrito, coloquiais, e que podem ser substituídos por outros termos.

Os estudos de Alkmim e Petter mostram que:

---

<sup>11</sup> Borba (2002: 1049) inclui, porém, no seu dicionário de uso do PB contemporâneo baseado num corpus da língua escrita a partir dos anos 50 do século XX (cf. Borba 2002: V) o verbete *mocambo*.

A forma e a interpretação semântica desses vocábulos, conservadas ou construídas no Brasil, vêm-se mantendo estáveis, apesar da antigüidade de seu uso, como comprovou a documentação localizada no Brasil: estão presentes, com significado equivalente, na maior parte dos materiais consultados, tanto trabalhos de cunho geral como léxicos regionais (Alkmim & Petter, 2008: 170).

Na mesma pesquisa, a estabilidade semântica mostrou-se alta em geral para os termos pesquisados, mas cabe notar que as fontes foram escolhidas a partir de avaliações das autoras e por tal motivo limitadas em relação à quantidade (Alkmim & Petter, 2008). As mesmas autoras afirmam que, no caso da palavra *quilombo*, trata-se de um vocábulo que entra na categoria dos que estão perfeitamente integrados ao léxico brasileiro, isso se mostra pela capacidade de criação lexical que se manifesta na variedade de formas derivadas e compostas baseadas na palavra de origem africana (Alkmim & Petter 2008: 170).

Os primeiros registros provenientes de Angola utilizam o termo para designar acampamentos militares e tropas em geral (Heintze, 1985: 126). Essa definição é registrada também pelo *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* nas primeiras três acepções:

- quilombo** 1. Rubrica: história. Regionalismo: Brasil.  
acampamento fortificado dos jagas, design. Atribuída aos povos que invadiram o Congo e Angola em fins dos sXVI
- 2. Rubrica: história. Regionalismo: Brasil.  
local escondido, er. No mato, onde se abrigavam escravos fugidos
- 3. Rubrica: história. Regionalismo: Brasil.  
povoação fortificada de negros fugidos do cativo, dotada de divisões e organização interna (onde tb. se acoitavam índios e eventualmente brancos socialmente despreviligiados)  
Obs.: cf. *mocambo*
- 4. Rubrica: dança, etnografia, música. Regionalismo: Alagoas.  
auto típico do Natal alagoano no qual negros e índios ou caboclos dançam vestidos em trajes que lembram os dos reisados, do auto dos gerreiros etc.  
Obs.: cf. *toré*

Nas acepções acima percebemos que a primeira trata de um termo e um uso no continente africano, mas carrega a marca de "regionalismo Brasil". Isso não facilita a interpretação do leitor, pois dá a entender que o vocábulo é utilizado no Brasil com esse significado. Observamos que o dicionário *Houaiss* refere a Nei Lopes (1996) no que diz respeito à etimologia de *quilombo*. Nas informações etimológicas, Lopes menciona os acampamentos:

**quilombo** Quimbundo, *kilombo* (acampamento arraial, povoação, povoado; capital; união; exército. Segundo Adriano Parreira (in Economia e Sociedade em Angola na Época de Rainha Jinga, Lisboa, Ed, Estampa, 1990, p.153 ), “o vocábulo kilombo (nos séculos XV-XVII) tem uma dupla conotação: uma toponímica e outra, ideológica. Eram assim, também designados os arraiais militares mais ou menos permanentes, e também as feiras e mercados de Kasanji, de Mpungo-a-Ndongo, da Matamba e do Kongo” (Lopes, 1996: 215- 216).

Os registros brasileiros em dicionários, vocabulários e estudos linguísticos, com a exceção das fontes acima, não incluem a acepção “acampamento militar”. Em nosso inventário de registros percebemos que a maioria das fontes registra a palavra *quilombo* primeiramente como “comunidade de escravos fugidos” (Angenot & Jacquemin 1974; Beurepaire-Rohan 1956; Castro 2001; Cunha-Henckel 2005; *Aulete iDicionário* [online]; *Novo Dicionário Aurélio* 2009; Pinto 1832; Raimundo 1933; Salles 2003; Moraes Silva 1789).

Assim, constatamos uma mudança no conteúdo semântico entre os primeiros registros do português de Angola e a maioria das fontes antigas e contemporâneas do português brasileiro. Alertamos que não foi possível encontrar registros do vocábulo no português europeu. Imaginamos que tenha sido utilizado em Portugal, mas a palavra não é algo que os dicionários e corpora selecionados para o presente trabalho registrem como um empréstimo integrado em Portugal.

Em comparação com o português de Angola, o registro da palavra ocorre um pouco mais tarde no português brasileiro, e como há uma mudança no significado, imaginamos que a palavra foi integrada primeiramente no português angolano e continuou para o Brasil. Assim, pode-se dizer que o caminho de integração foi transatlântico. Na proposta de Bartens este caminho de integração é chamado “origem comum e difusão” (2012: 52). As fontes históricas sobre a colonização portuguesa sugerem que havia grande contato linguístico entre povos de línguas banto e os falantes de português. Também havia contato entre falantes de variedades diferentes de português, seja em Angola, em Portugal ou no Brasil, e imagina-se que havia difusão do léxico utilizado, de uma região para outra.

O fato de terem ocorrido alterações nos significados registrados ao longo dos anos não é algo que enfraquece a hipótese de “origem comum e difusão”. Questionamos então o motivo de haver uma mudança no significado do vocábulo em seus registros no Brasil. A história da resistência e rebeldia por parte dos africanos escravizados, e a fama das comunidades livres por eles construídas podem ser fatores que levaram a palavra a ser utilizada para designar justamente as comunidades. Em termos de campos semânticos, há similaridades entre acampamentos militares e comunidades independentes construídos em luta contra a sociedade escravista.

#### **4.4.2 Integração na língua espanhola**

Imagina-se que muitos termos de origem africana, no caso específico desse estudo a palavra *quilombo*, tenham alcançado a região hispano-falante através do Brasil. Na proposta de Bartens (2012), este processo é referido como “origem comum e difusão”. Não há muitos registros em relação à questão, mas encontramos no texto de Laguarda Trías (1969) uma discussão sobre o assunto. Segundo Laguarda Trías, os lexicógrafos Monner Sans, Malaret y Bayo argumentam que o termo procede do

Brasil (1969: 95). No entanto, Laguarda Trías sugere que pode ter chegado à região do Prata diretamente da África (Laguarda Trías, 1969: 95-96). Essa posição é defendida com o argumento do aparecimento do vocábulo relativamente recente na região e pelo fato de ser conhecido com um significado distante daquele que tem no Brasil (Laguarda Trías, 1969: 96).

Observamos que dois séculos após o primeiro registro da palavra no Brasil, o vocábulo aparece, com significado diferente, no espanhol do Prata. Como a palavra tinha sido integrada como empréstimo na língua portuguesa falada em Angola, e possivelmente em Portugal, constatamos que o uso desse termo na língua portuguesa se iniciou em outro continente.

Não é possível indicar com certeza qual teria sido o caminho de integração no espanhol, mas nos parece que os argumentos de Laguarda Trías (1969) não são suficientes. Em primeiro lugar, não encontramos registros do vocábulo com o significado de ‘prostíbulo’ na África e, em segundo lugar, no início do século XIX, a maioria dos africanos escravizados que entravam pelos portos do Prata chegavam do Brasil e não diretamente da África (Borucki 2011).

Quando procuramos os verbetes de *quilombo* nas fontes uruguaias e argentinas percebemos que registram não somente o uso em termos estritamente locais, mas também incluem informações no que diz respeito à região brasileira. Isso indica que o significado da palavra no Brasil é importante, mesmo que a língua de origem não seja o português e é um fenômeno que existe no Brasil, por exemplo, no famoso *Quilombo* dos Palmares. Não sabemos se essa informação foi considerada relevante por causa de fatores como o caminho de integração ou pelo contraste semântico que evidencia. De qualquer forma, trata-se de mais uma indicação que, nessas fontes, o uso no Brasil é visto como um fator de importância para a evolução desse vocábulo no Prata.

Quando discutimos a mudança de significado da palavra *quilombo* na região do Prata a questão é: por que houve uma mudança de significado justamente ali? Para responder a essa questão precisamos lembrar o contexto sócio-histórico da região. Embora se observem características parecidas com as do Brasil, havia diferenças no número de entrada de africanos e nas rotas pelas quais entravam (Borucki 2011). Isso indica que a população não era composta da mesma maneira e a proporção de africanos escravizados e de seus descendentes também não era necessariamente igual no Brasil e no Prata na época colonial.

Outro questionamento refere-se à presença do fenômeno de comunidades livres, construídas por escravos que fugiram do cativeiro, normalmente referidos como palenques no espanhol americano. Havia este tipo de comunidade no Uruguai e Argentina? No DRAE<sup>12</sup>, não há nenhum registro de *palenque* ou *cimarrón* no espanhol da Prata, mas sim existe nas Antilhas e em Cuba. Sabe-se que

---

<sup>12</sup> Diccionario de la Real Academia Española, 2001, e as edições anteriores do mesmo dicionário, encontradas no *Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua española*, NTLLE (ver [www.rae.es](http://www.rae.es))

havia escravos africanos no Prata, mas teria havido *quilombos*? Alex Borucki (2011) descreve um caso que registra algo parecido com um *quilombo* no século XVIII na região que hoje é o Uruguai:

This camp was in the middle of the forest, but no slaves were found. It remains unclear if these ranches comprised an actual quilombo –a free black community– already in place before the arrival of the runaways from Montevideo. Pedro Chirivao, the lieutenant of militias who captured the runaways, identified this place as a quilombo. He was seeking a group twelve men and four women in hilly territory, who took a position in a natural trench, from which they shot at the Spanish with firearms and arrows. The man who Chirivao identified as the leader of the runaways was finally killed by the Spanish after which they captured the entire group. These slaves spent two years imprisoned and then they may have been returned to their masters –who asked the Governor their release in 1805. (Borucki, 2011: 169).

Borucki continua comentando a questão de escravos fugidos nesse século no Uruguai:

We have identified thirty-one slave who escaped from the city on Palm Sunday, but only those captured were recorded –other slaves might have escaped successfully. Slaves also took advantage of British attack on this city in 1807 and the siege of Montevideo by the troops of the revolutionary government of Buenos Aires and José Artigas to escape to the countryside in the first case and to the enemy lines in the second. (Borucki, 2011: 170).

É importante ressaltar que não há fontes que confirmem a existência de comunidades denominadas *quilombos* no Uruguai, como havia *mocambos* ou *quilombos* no Brasil. Além disso, Borucki salienta que havia escravos fugidos, e por isso é possível que houvesse comunidades livres por eles construídas. Essa incerteza sobre a existência de *quilombos* pode ter importância para os registros lexicográficos deste vocábulo na região.

## **4.5 As definições e comentários metalinguísticos do verbete *quilombo***

Nessa parte, iniciamos com uma análise de definições e comentários metalinguísticos em português e nas fontes da língua portuguesa. Seguimos com o equivalente da língua espanhola e das fontes da região do Prata e de outras regiões de língua espanhola.

#### 4.5.1 Definições e comentários em português

Apresentamos registros que definem a palavra *quilombo*. Observamos que as definições apresentadas do vocábulo variam conforme a fonte. Nos registros mais antigos temos duas acepções principais, uma que se concentra no conceito de ‘povoação ou aldeia’, e a outra que remete a terminologia de guerra, como significado de ‘acampamento militar ou arraial’. Como vimos acima, temos indicações de que a utilização mais antiga, em Angola colonial, era mais próxima ao significado ‘acampamento militar’. Além disso, ressalta-se que as acepções que se mantêm com mais frequência nos registros são as de ‘povoação’ e ‘aldeia’ para ‘casa’ ou ‘poço’ no mato. Isso lembra bastante o dado de 1544, que conta que os Angolares de S. Tomé, depois de um naufrágio, construíram aldeias chamadas *quilombos* (Heintze, 1985). As particularidades do lugar que se denomina *quilombo* parecem ter importância para a sua denominação, já que os *quilombos* no Brasil eram, justamente, lugares afastados das demais populações, situados nas matas e lugares remotos e de difícil acesso. Além disso, há uma ligação entre um acampamento militar e um *quilombo* por causa da situação de conflito e luta na qual se encontravam os *quilombos* na história do Brasil. Encontramos um dado que sugere que a palavra tenha sido utilizado como uma denominação de ‘bordel’, entre outros significados:

Na tradição popular no Brasil há muitas variações no significado da palavra *quilombo*, ora associado a um lugar (“quilombo era um estabelecimento singular”), ora a um povo que vive neste lugar (“as várias etnias que o compõem”), ou a manifestações populares, (“festas de rua”), ou ao local de uma prática condenada pela sociedade (“lugar público onde se instala uma casa de prostitutas”), ou a um conflito (uma “grande confusão”), ou a uma relação social (“uma união”), ou ainda a um sistema econômico (“localização fronteiriça, com relevo e condições climáticas comuns na maioria dos casos”) (Lopes, Siqueira e Nascimento 1987: 15). A vastidão de significados, como concluem vários estudiosos da questão, favorece o seu uso para expressar uma grande quantidade de experiências, um verdadeiro aparato simbólico a representar tudo o que diz respeito à história das américas (Leite, 2000: 336-337)

Apesar de ser um dado interessante, mas não podemos confirmar se realmente foi utilizada dessa maneira no Brasil e não encontramos outros registros que suporta essa sugestão.

Convém comentar que nas edições mais recentes de importantes dicionários brasileiros, o *Houaiss* [online] e o *Aurélio* (2009), encontramos uma quarta acepção com a marca de folclore ou regionalismo. Diz o *Houaiss* [online]:

**quilombo** 4. Rubrica: dança, etnografia, música. Regionalismo: Alagoas.

auto típico do Natal alagoano no qual negros e índios ou caboclos dançam vestidos em trajes que lembram os dos reisados, do auto dos guerreiros etc.

Obs.: cf. *toré* (*Houaiss* [online])

No *Aurélio* (2009) encontramos na terceira acepção:

**quilombo** 3. Bras. Folcl. Folguedo, usado no interior de AL durante o natal, em que dois grupos numerosos, figurando negros fugidos e índios, vestidos a caráter e armados de compridas espadas e terçados, lutam pela posse da rainha índia, acabando a função pela derrota dos negros, vendidos aos espectadores como escravos; toré, torém (*Aurélio*, 2009: sem página)

Na descrição do *Aurélio*, um pouco mais elaborada que o do *Houaiss*, notamos que no espetáculo mencionado figuram “negros fugidos”, e, como se trata de um regionalismo alagoano, percebemos que remete aos *quilombos* verdadeiros que existiam na região, mesmo que o toré em si possa ser associado à cultura indígena. A ocorrência de “negros fugidos” pode ser explicada por extensão. O contexto sociocultural desse espetáculo é a sociedade colonial racista e escravocrata com a mesma organização hierárquica que se descreve no espetáculo.

Nessa acepção a informação fornecida é apresentada de forma distanciada, da perspectiva de um observador distante. Os grupos étnicos presentes no texto são "negros" e "índios", e o texto oferece ao leitor uma descrição dos hábitos do “outro”. Correia (2006) observa a discriminação racial nos dicionários portugueses contemporâneos e mostra vários exemplos em que a norma do grupo étnico-racial branca se evidencia justamente na presença de outros grupos étnico-raciais, que são repetidamente mencionados como coletivo (índio, negro, amarelo, cigano etc.). A partir do estudo de Correia (2006) podemos concluir que muitas vezes há uma construção discursiva do outro nos dicionários.

Hornscheidt (2008) sugere ainda que observemos o que não está dito ou não está incluído. Na análise dessa acepção há um grande grupo sociocultural não mencionado explicitamente, os "brancos". Justamente a presença de grupos étnico-raciais como entradas próprias de dicionários evidencia esse distanciamento do "outro" imaginário. Muitas vezes, os próprios lexicógrafos pertencem ao grupo socio-econômico dominante e, assim, o discurso reflete esse fato. Além disso, observamos que o "outro" é alguém construído, muitas vezes com acepções e exemplos de uso negativos e discriminatórios (Correia, 2006).

#### **4.5.2 Exemplos de uso no Corpus do Português**

Após termos pesquisado as acepções da palavra *quilombo* nos dicionários e vocabulários, passemos para o *Corpus do Português* (Davies e Ferreira 2006-) para analisarmos de que forma e em quais épocas seu uso tem sido registrado em fontes escritas. Utilizamos esse *corpus* para compararmos as



informações fornecidas pelos dicionários com os exemplos de uso que disponibiliza o *Corpus do Português*.

Há um total de 39 registros entre os anos de 1899-1993. Todos utilizam a palavra com significados registrados nos verbetes dos dicionários já consultados, apenas seis desses registros são do século XIX, demonstrando que a palavra é bastante utilizada ainda no século XX. Contudo, salienta-se que muitos dos textos que empregam o termo elaboravam uma temática histórica.

Exemplo do *Corpus do Português* 1:

Atualmente não me pertenco: José do Patrocínio não é um homem, é uma causa. A minha pessoa não vale a minha idéia. Que me insultem à vontade, orgulho-me disso. Olha que tenho dado assunto, hein? - Então não respondes? - Não. Vou escrever um artigo sobre o **quilombo** de Jabaguara. Curvou-se, tomou a pena, mas, de repente, aprumando-se, rugiu: - Não respondo! Insultem-me! Ameaçem-me! Tenho o meu programa traçado e não será a pena romba desse merovíngio que me há de fazer abandonar o roteiro. Justamente quando se vem anunciando a grande aurora é que eles querem que eu, esquecendo e abandonando um trabalho quase concluído, vá cuidar de outro. Não faltava mais nada! República numa pátria escrava! Que rosne! (Coelho Neto, *A conquista*, 1899).

Exemplo do *Corpus do Português* 2:

Que aconteceu com as línguas derivadas do latim? Com os povos que emigraram? O tempo dirá. \* - Mas não somos portugueses nem brasileiros? - Somos Marinheiros. Até o nome da nossa vila, graças a teu pai, ganhou um nome, eu não diria errado, mas novo. O Brasil é um país de tamanho territorial imenso, dificilmente deixará, no futuro, de ser retalhado em vários países, como aconteceu com as repúblicas sul-americanas colonizadas pelos espanhóis. Tão imenso que há anos vivemos aqui, ao lado dum antigo **quilombo**, e até agora ninguém veio nos importunar. Só o pobre do Vasconcelos, assim mesmo por acaso. As autoridades do Brasil nem sabem que existimos. - Se soubessem? - Não sei o que aconteceria. Há tantos problemas no Brasil, tão poucos meios de resolvê-los.. Acho que, por comodidade, optariam por nos ignorar. (Lemos, Gilvan, *Espaço Terrestre*, 1933).

Estes exemplos “autênticos” do *Corpus do Português* confirmam as acepções registradas nas fontes de caráter lexicográfico.

#### 4.5.3 Definições e comentários em espanhol

Apresentamos nessa rubrica registros escolhidos que definem a palavra *quilombo*. Na região do Prata já havia uma grande quantidade de palavras, formais e informais, sinônimas de prostíbulo na época que *quilombo* começou a ser registrada com essa acepção. Excluimos assim a ideia que era necessário uma palavra que descrevesse uma casa de prostituição, porque já havia várias. Além disso, nos

perguntamos o que há em uma comunidade de africanos e seus descendentes, refugiados da escravidão, que remete a um prostíbulo? A resposta é obviamente que não há nada. Ora, então como explicamos este uso?

Na tabela 1 (ver apêndice) juntamos as formulações das acepções de *quilombo*. Em termos gerais, as acepções nas fontes analisadas seguem duas linhas. A primeira informa sobre a definição brasileira, e a contrapõe com as acepções da região Prata (cf. Granada, 1957 [1890]); Laguarda Trías, 1969; Ortiz Oderigo, 2007; Pereda Valdés, 1965). Já a segunda é de formular unicamente as acepções para o Prata, e não mencionar o seu significado no Brasil (c.f. Britos Serrat 1999; *Diccionario del Español del Uruguay* 2011; *Diccionario Integral del Español de Argentina* 2009; Kühl de Mones 1993).

Percebemos que há grandes semelhanças nas acepções. Temos, por exemplo, a marca de “vulgar” e “coloquial” em algumas das acepções, porém não em todas. É importante salientar essa marca quando procuramos entender como um certo uso tomou forma. Hornscheidt (2008) classifica marcas de uso como comentários metalinguísticos, e nessa pesquisa analisamos as marcas como uma parte dos comentários metalinguísticos. Esses servem para informar ao leitor quais são os usos corretos, por exemplo, vulgares ou coloquiais, implicando na não utilização de determinada forma por alguém considerado culto. A mesma autora explica que, se trata de um termo derogativo, uma forma de se distanciar é de atribuir seu uso aos outros falantes. Com a marca da vulgaridade, a utilização passa a ser uma questão de percepção (Hornscheidt 2008: 121-125).

Quando se inclui *quilombo* no verbete com a única acepção de ‘bordel’ ou sentido equivalente, mesmo com a marca “vulgar” ou “coloquial”, se confirma este uso e também se elabora um discurso que implicitamente afirma que as pessoas “cultas” não empregam a palavra dessa forma (ou nem a utilizam), mas as pessoas menos cultas a utilizam dessa maneira. Assim o lexicógrafo não precisa tomar a responsabilidade pelo uso vulgar (que não é neutro), já que esse é atribuído a um tipo de falante específico, um “outro” (cf. Hornscheidt 2008). Na análise dos verbetes, percebemos os comentários metalinguísticos, como marcas utilizadas nos dicionários de forma que dá a entender que a derivação é uma questão de uso. Quando se marca um uso como derogativo, se escapa da questão se a palavra em si é derogativa. Hornscheidt (2008: 123) explica que há palavras que em si já são tão discriminatórias e que os dicionários deveriam deixar isso claro.

Algumas fontes do Prata discutem a diferença que se observa entre as acepções que são registradas em regiões diferentes, como nos exemplos abaixo:

Fueron los portugueses en el Brasil, quienes comenzaron a dar arbitrariamente y en forma prejuiciosa, el significado de prostíbulo, burdel o desorden a aquellas poblaciones (Britos Serrat, 1999: 111).

En el Río de la Plata, al final del siglo XVIII, la palabra, según el marino español Juan Fransisco de Aguirre, designaba el almacén donde ponían en venta a los negros esclavos recién llegados al país. Este sentido de “casa de venta”, en el sentir de Groussac, condujo a la acepción de “burdel” de hoy

tiene en la Argentina y el Uruguay, y también en Chile, según el DRAE, y en el Perú y Bolivia, según Malaret (Laguarda Trías, 1965: 95).

Según las costumbres africanas, en la época de la poligamia, las esclavas de los harenes vivían en sociedad pacífica, y la reunión de ellas constituía un quilombo [...] Entre nosotros, sabido es que el término de que hablemos se aplica a los lupanares e lenocinios [...] La voz proviene del kimbundo *kilombo*, idioma en el que pose el sentido de “aldea” y nada tiene que ver con el submundo de la inmoralidad (Ortiz Oderigo, 2007: 178-179).

Ressaltamos primeiramente o que diz Britos Serrat (1999), que, embora não seja especialista, classifica a ideia por trás do conceito de “arbitrária” e “prejudicável”, e ainda afirma terem sido os portugueses, no Brasil, que começaram a utilizar tal designação. Sobre a poligamia, Ortiz Oderigo (2007) afirma que tenha ocorrido na África e que as escravas dos haréns viviam em reuniões. No entanto, o autor não oferece referências ou dados que possam provar tal afirmação. A descrição de Ortiz Oderigo (2007) remete a ideia de um prostíbulo quando ele menciona o “harém de mulheres escravas vivendo em uma coletividade”. Essa informação sugere então que havia, na época, prostíbulos denominados *quilombos* na África? Isso não parece provável, já que as fontes consultadas não registram esse significado para *quilombo* na África. A ideia de haréns de mulheres escravas na África, mas que outra coisa, revela o conceito de um "outro imaginário" que seja diferente e para o qual tendemos a atribuir várias qualidades imaginárias.

Na aceção de Ortiz Oderigo (2007) ainda encontramos a informação sobre o significado do termo na língua de origem, o pesquisador o compara ao significado da região do Prata e conclui que esse significado “nada tiene que ver con el submundo de la inmoralidad” (Ortiz Oderigo, 2007: 178-179). Já que o autor faz essa reflexão, podemos nos indagar por que relacionar as suas opiniões com uma suposta poligamia na África? Imaginamos que esses dados refletem as ideias do próprio autor, inspiradas nas imagens que circulavam sobre o continente africano na sociedade na qual vivia (a Argentina no século XX).

Na sistematização dos dados (ver apêndice), é possível perceber que os dados sugerem uma ligação entre um mundo de imoralidade e uma noção de *quilombo*. É difícil dizer onde e quando começou essa associação, mas, sugerimos aqui, com base nos estudos de, dentre outros, van Dijk (1995), Hornscheidt (2008), Fishman (1995), que se trata de ideologias (discriminatórias) que não se refletem apenas nas fontes lexicográficas, mas antes estão presentes na sociedade. No conceito de imoralidade entendemos que supostamente existe uma moral, e, portanto, um imoral. A palavra *quilombo*, no sentido em espanhol da região do Prata, é definida como algo de imoralidade, como o ato de relacionar-se sexualmente com mulheres “públicas” ou “maus” comportamentos.

Atualmente no Uruguai debate-se sobre a discriminação presente nos dicionários. Em fevereiro de 2012, a questão do significado de *quilombo* no Uruguai foi tratada em um programa de rádio com o título “Los quilombos en el Brasil colonial”, no qual a mesma controvérsia da aceção de ‘prostíbulo’

foi discutida. Quando os lexicógrafos registram o vocábulo, como fazem os dicionários mais recentes, (ver *Diccionario del Español del Uruguay* 2011 e *Diccionario Integral del Español de Argentina* 2009) é aparente que não se questionam sobre a derrogação que esse ato implica. Ainda, com a marca de vulgar ou não, pelo fato de os dicionários monolíngues terem status de legitimadores em termos do emprego correto das palavras, a própria inclusão de um vocábulo no verbete afirma que é uma palavra que está presente e é utilizada na língua em questão. Pela análise de Hornscheidt (2008), entendemos que as marcas não resolvem o conflito que há na inclusão de vocábulos pejorativos.

#### **4.5.3.2 Diccionario de la Real Academia Española**

Para compreendermos como a palavra *quilombo* começou a ser utilizada na acepção de prostíbulo, continuamos com uma análise das acepções nos DRAE (em NTLLE). O DRAE encontra-se entre os dicionários de língua espanhola gerais, pode-se dizer que inclui todo o mundo hispânico. O *Nuevo Tesoro lexicográfico de la lengua española* é uma ferramenta disponibilizada online que permite consultar todas as edições do *Diccionario de la Real Academia Española*, desde 1726 até hoje. Procuramos a palavra em todas as edições, no entanto, mostramos, abaixo na tabela 3, apenas os que registravam a palavra *quilombo*.

Pela historicidade do dicionário é possível estudar como as formulações das acepções mudaram entre cada edição, algo que evidencia como as definições podem variar conforme as normas e valores que circulam no momento em que o dicionário foi publicado.

**Tabela 3:** *Quilombo* no DRAE

1927-1956	<i>Venez.</i> Choza, cabaña campestre. <i>Chile e Río de la Plata.</i> Lupanar.
1970	<i>Venez.</i> Choza, cabaña campestre. 2. <i>Chile e Río de la Plata.</i> Mancebía, lupanar, casa de mujeres públicas.
1984	<i>Venez.</i> Choza, cabaña campestre. 2. <i>Chile e Río de la Plata.</i> Mancebía, lupanar, casa de mujeres públicas.
1985	m. <i>Bol. y Venez.</i> Choza cabaña campestre. <i>Chile, Peru y R. de la Plata.</i> Lupanar. En Brasil, asilo o retiro de negros cimarrones en lo más recóndito del monte. <i>Pl. Col., Ecuad., y Venez.,</i> Andurriales.

1989	m. <i>Bol. y Venez.</i> Choza cabaña campestre. <i>Chile, Peru y R. de la Plata.</i> Lupanar. En Brasil, asilo o retiro de negros cimarrones en lo más recóndito monte. <i>Pl. Col., Ecuad., y Venez.,</i> Andurriales.
1992	m. <i>Venez.</i> Choza, cabãna campestre. 2. <i>Chile y R. de la Plata.</i> Mancebía, lupanar casa de mujeres públicas. 3. fig. y vulg. <i>Argent.</i> Lío, barullo, gresca, desorden.
2001	1. <i>Arg., Bol., Chile, Par. Y Ur.</i> Prostíbulo 2. vulg. <i>Arg., Bol., Hond., Par. y Ur.</i> Lío, barullo, gresca, desorden. 3. <i>Ven.</i> Lugar apartado y de difícil acceso, andurrial.

Como podemos perceber através das acepções de outros dicionários, às vezes o lexicógrafo enfatiza a diferença entre o uso da palavra no português brasileiro ou em regiões de língua espanhola. Quando analisamos as definições do DRAE percebemos que o uso no Brasil é mencionado apenas em duas edições. As edições de 1985 e 1989 incluem a frase "En Brasil, asilo o retiro de negros cimarrones en lo más recóndito monte" diretamente depois da acepção de 'lupanar' que carrega a marca diatópica "Chile, Peru y R. de la Plata". Nesta formulação percebemos que não se utiliza informações metalinguísticas fora das marcas diatópicas. Assim questionamos por que se incluem as informações sobre o significado da palavra no Brasil quando obviamente não é essa que se utiliza nas regiões de língua espanhola? Nas edições a seguir não há mais a menção do Brasil, porém, utilizam-se marcas de uso.

Nas edições mais recentes, as de 1992 e 2001, há várias informações relevantes. Começamos com as acepções de 1992. A segunda acepção trata de duas regiões; o Chile e o Rio da Prata, a acepção é formulada 'mancebía, lupanar, casa de mujeres públicas'. Assim, observamos que é apresentada de forma neutra e sem marcas ou comentários.

Não ocorre nenhum tipo de comparação com a primeira acepção da Venezuela. Observa-se que a acepção de Venezuela mantém-se mais próximo do significado de *quilombo* no Brasil, 'choza, cabãna campestre' e remete às moradias na mata de difícil acesso.

A terceira acepção, descrita na tabela acima, com a marca diatópica Argentina começa com a marca "figurativa" e "vulgar" e as acepções são 'lío (confusão), barullo (barulho), gresca (zaragata),

*desorden* (desordem)'. Porque se marca a terceira acepção como forma vulgar e deixa a segunda passar como uma forma neutra e correta de empregar a palavra?

Queremos alertar que nas primeiras edições do DRAE, as acepções não incluem 'lío, gresca, desorden'. Essa definição aparece pela primeira vez na edição de 1992, assim que os lexicógrafos incluíram acepções que não foram registradas antes.

Na edição do DRAE de 2001 apresentam-se acepções alteradas. Em primeiro lugar, a ordem das acepções está alterada, a acepção com a marca Venezuela está por último, em segundo, há diferenças nas marcas diatópicas, para a acepção de, simplesmente, 'prostíbulo' temos as marcas Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai. Na edição anterior havia apenas o uso da palavra no Chile e no Rio da Prata com tal acepção. Como interpretar esse fato? Não é provável que as regiões onde a palavra é empregada com esse significado tenham se expandido tanto durante os poucos anos decorridos entre as duas edições, assim imaginamos que essa mudança se explica pelas escolhas dos autores do DRAE, como já observamos há alterações consideráveis nas acepções apresentadas para uma única palavra durante o correr do tempo.

Da mesma forma, a segunda acepção se expande no que diz respeito às regiões de uso: na edição de 1992 registrava-se apenas Argentina para a acepção de 'lío, barullo, gresca, desorden', já na edição de 2001 acrescentam as regiões de Bolívia, Honduras, Paraguai e Uruguai.

Voltamos para a análise das marcas de uso. O comentário metalinguístico sobre o uso é reduzido à "vulgar", mas se limita ao sentido de 'lío, barullo, gresca, desorden'. Segundo Hornscheidt, "Metalinguistic comments serve as exceptions to a generally assumed meaning; which becomes the core meaning - independent of usage" (Hornscheidt 2008: 124). Em vez de serem informativos para quem utiliza o dicionário, os comentários obscurecem os níveis de emprego (Hornscheidt 2008: 124). O problema dos comentários metalinguísticos é que indicam uma separação entre o significado da palavra e de seu uso, e quando se trata de palavras discriminatórias, a discriminação é atribuída ao usuário e à forma como as pessoas utilizam a palavra e não apenas à existência da palavra em si.

Em relação à classificação da palavra *quilombo* no Prata, podemos afirmar, em consonância com a marca no DRAE nas edições de 1992 e 2001, que é considerada uma palavra "vulgar", não é vista de forma positiva e traz conotações que não são bem-vindas em ambientes formais ou profissionais.

No caso das acepções apresentadas nas últimas edições da DRAE, observamos que o emprego de *quilombo* no sentido de 'prostíbulo' nas várias regiões de língua espanhola é apresentado de forma imparcial. Como o lexema não carrega marcas de uso ou comentários metalinguísticos o leitor pode entender que o uso não merece críticas.

No entanto, parece que a palavra *quilombo* no Prata é um termo tão discriminatório no seu uso, que é interessante que um dicionário como o DRAE, com edições novas e revisadas, não indique isso no verbete. O DRAE não problematiza o vocábulo *quilombo* na acepção de "prostíbulo", provavelmente

porque a academia julga que esse tipo de problema não diz respeito aos lexicógrafos. No entanto, Forgas Berdet (1996) trata justamente a importância dos lexicógrafos em relação à presença de uma marca ideológica no discurso dos dicionários, por exemplo, no DRAE. No artigo trata várias questões que os lexicógrafos encontram diante das ideologias na construção do dicionário (1996: 75-82), como a dificuldade de se separar do seu próprio contexto na construção de dicionários, entre outras.

O problema é que os dicionários conservaram ideias discriminatórias que circulavam no momento em que o conteúdo semântico tomou forma, e se continuarmos a utilização da palavra nesse sentido reproduziremos um discurso preconceituoso, legitimando a ideologia que está por trás. Observamos que o DRAE realiza revisões dos textos, mas ainda reproduz as mesmas ideologias. Lembramos o estudo de Hornscheidt (2008: 123-124) que aponta vários exemplos em dicionários de línguas germânicas que reproduzem discursos preconceituosos, às vezes utilizando marcas de uso como "*starkt nedsättande*" (muito pejorativo). Embora coloquem a marca, os dicionários continuam legitimando o emprego da palavra na sua forma derogativa, algo que os estudos críticos apontam. Pode se discutir se é importante manter registros que hoje em dia julgamos discriminatórios, mas deveríamos marcá-los de forma que fique claro que são discriminatórias, ou talvez fosse melhor eliminar a presença deles nos dicionários.

#### **4.6 Exemplos de uso nos corpora de espanhol (CORDE e CREA)**

Utilizamos os bancos de dados CORDE e CREA com o objetivo de complementar a análise com exemplos de uso. Tais exemplos podem confirmar ou contestar as informações fornecidas pelos verbetes dos dicionários. Realizamos uma busca no banco de dados CORDE e assim confirmamos o que dizem os verbetes, o uso de *quilombo* é sinônimo de ‘bordel, desordem’ e algo negativo em geral. Encontramos oito ocorrências em seis documentos de prosa narrativa entre os anos 1952-1974 na Argentina (5) e no Paraguai (3).

Em duas dessas ocorrências na Argentina é óbvio que se trata de um uso da palavra com a designação de *quilombo*, como vemos abaixo:

Todo esto complicado con las affaires de Esther Abramovich que entró al teatro independiente para hacer la pata ancha, como quien dice, ya que, según cuenta el director, ha transformado ese noble reducto del arte puro en un quilombo que bueno bueno. (Sábato, 1961) Argentina.

Atados al palenque había caballos y en el zaguán y adentro más gente que en el quilombo. Parecía un comité. Don Nicolás, que estaba mateando, al fin me atendió. (Borges, 1970) Argentina.

Nos outros exemplos do corpus tivemos a impressão de que se tratava de um uso que remetia a “desorden, lío, gresca, relajo”.

No CREA, há grande quantidade de registros, são 98 casos em 43 documentos. Há 16 registros do Uruguai entre os anos 1982-2003. A maioria dos registros é da Argentina, um total de 74 registros dos anos 1979-2004. Outros países, nos quais o termo foi registrado, são Chile (3), Espanha (3), Cuba (1) e México (1). Aproximadamente a metade das ocorrências desses últimos lugares utilizava o termo com o sentido brasileiro, tratando a história dos *quilombos*.

Não é fácil interpretar o significado de *quilombo* nos registros do CREA e nos registros argentinos e uruguaios, parece que se utiliza o termo com o significado de desordem, caos e prostíbulo. Nesse sentido, coincidem com os dicionários e vocabulários, visto que essas são as acepções mais comuns para a palavra no Prata. Nos registros do CREA, percebemos que grande parte dos registros da Argentina está em um documento só, no qual o autor utiliza o termo com frequência, principalmente no sentido de desordem e caos. Mesmo assim, ainda é relevante mostrar as evidências de que *quilombo* é utilizado, frequentemente, na acepção de prostíbulo.



# Considerações finais

Em suma, a partir dessa análise, foi possível avançar nas discussões sobre a etimologia de alguns vocábulos. Assim, chegamos às seguintes conclusões: a palavra *quilombo* é oriunda da língua *banto quimbundo*, ou do *quicongo* (Castro, 2001); *mocambo* parece ter a mesma etimologia, *quicongo* (Castro, 2001) ou *quimbundo* (Cunha-Henckel, 2005); já a palavra *calhambola*, no entanto, que às vezes foi confundida com a palavra derivada *quilombola*, é de origem tupi e também carrega um sufixo português.

Focamos na palavra *quilombo* para analisarmos o caminho de integração, por fim, observamos ainda que o vocábulo *quilombo* ainda é utilizado atualmente, enquanto que o vocábulo *mocambo* já é considerado um termo arcaico. Tudo indica que a utilização de nomes de *quilombos*, por exemplo, o famoso *Quilombo* de Palmares, tenha influenciado na preferência de *quilombo* em relação ao vocábulo *mocambo*.

Empregamos a proposta de Bartens (2012: 52) quando estudamos o caminho de integração do vocábulo *quilombo* e, segundo a nossa análise das fontes disponíveis, o mais provável no caso desse vocábulo é o que a autora chama de “origem comum e difusão”.

Percebemos que ocorreu uma mudança semântica entre os primeiros registros no português de Angola e a maioria das fontes antigas e contemporâneas do português brasileiro. No entanto, é importante ressaltar que havia importação de força escrava africana em Portugal. Assim, com a colonização portuguesa, os africanos escravizados foram levados para várias regiões, e isso implicava que havia contato entre falantes de línguas banto e português. Consequentemente, ocorriam empréstimos lexicais nas duas direções (Bonvini, 2008). É possível que tenha sido utilizado em Portugal, mas não é algo que os dicionários portugueses registrem como um empréstimo integrado no país.

A integração da palavra *quilombo* ocorreu posteriormente no português do Brasil em comparação com o português de Angola, e, como ocorria uma mudança no significado, imaginamos que o caminho da palavra começou na África e continuou até a América-Latina. A história da colonização prova que havia grande contato linguístico entre povos de línguas banto e falantes de língua portuguesa. Também havia contato entre falantes de variedades diferentes de português, seja em Angola, Portugal ou no Brasil, e imaginamos ainda que houvesse uma difusão do léxico utilizado, de uma região para outra.

No que diz respeito à integração de *quilombo* na região do Prata, parece provável que a integração chegou através do português brasileiro como foi discutido nessa análise. Isso também é o que Bartens

chama de origem comum e difusão (Bartens 2012: 52). Nesse caso, pode ter ocorrido uma difusão com origem nas línguas banto da África, passando pelo Brasil e continuando até a região do Prata. Dois séculos depois da primeira evidência da palavra no Brasil, o vocábulo aparece, com significado diferente, no espanhol do Prata.

Quando estudamos os verbetes de *quilombo* nas fontes uruguaias e argentinas percebemos que registram não somente o uso em termos estritamente locais, mas também incluem informações no que diz respeito à região brasileira. Isso indica que o sentido brasileiro é importante, mesmo que a língua de origem não seja o português, e ainda é um fenômeno famoso no Brasil, por exemplo, o *Quilombo* de Palmares. Não sabemos se essa informação foi considerada relevante pelos autores por causa de fatores como o caminho de integração ou pelo contraste semântico que evidencia. De qualquer forma, é mais uma indicação de que o uso da palavra no Brasil é visto como um fator de importância para a evolução desse vocábulo no Prata.

Em relação à segunda questão discutida na análise, que trata das ideologias que se refletem no discurso dos verbetes, constatamos, primeiramente, que a etimologia da palavra não tem relação com os conceitos de imoralidade, desordem, vagabundagem ou prostituição. Nessa pesquisa mostramos que há duas linhas semânticas nos significados registrados de *quilombo*. Uma mantém-se mais próxima ao significado atribuído à etimologia *kilombo*, enquanto que a outra é mais distante semanticamente.

O mais próximo ao étimo vemos nos primeiros registros de português que mostram que *quilombo* foi utilizado para nomear acampamentos militares (cf. Heintze, 1985). É possível observar uma ligação entre um acampamento militar e um *quilombo* como é utilizado no Brasil por causa da situação de conflito e luta na qual se encontravam os *quilombos* na história do Brasil colonial. Parece ainda que as particularidades do lugar que se denomina *quilombo* têm importância para a sua denominação, já que os *quilombos* no Brasil eram, justamente, lugares afastados das demais populações, situados nas matas e lugares remotos e de difícil acesso.

A partir do estudo do DRAE, notamos que o uso na Venezuela, região fronteira com o Brasil ao norte, utiliza a palavra para significar uma moradia rústica do campo. Observamos assim que há registros em ambas as línguas e regiões diferentes que se mantenham mais próximos ao étimo.

Quando pesquisamos registros na região do Prata e em dicionários de língua espanhola geral, como o DRAE, percebemos que os significados atribuídos às palavras em novos contextos de uso, justamente em regiões de língua espanhola do Prata, trazem conotações de prostituição, vagabundagem, mau comportamento e confusão.

Notamos que as fontes de português não registram acepções iguais às do espanhol. Fora da única sugestão de um uso de *quilombo* no Brasil no sentido de bordel (ver Leite, 2000: 336-337), o significado de ‘prostíbulo’ para a palavra *quilombo* parece ser um fenômeno da língua espanhola, ressalta-se, porém, que não é somente um significado do Prata. Segundo a análise das várias edições

do DRAE, percebemos que é frequente o uso do vocábulo *quilombo* no sentido de ‘*lupanar, lio, gresca, barullo, desorden*’ em várias regiões latino-americanas como, por exemplo, Peru, Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai e Honduras. Notamos que a maioria dessas regiões é limítrofe e não é surpreendente que parece ter ocorrido uma difusão lexical para regiões próximas em termos de geografia e língua. Pelo caminho de integração da palavra *quilombo*, parece que o processo de difusão continua e assim a palavra chega a regiões distantes daqueles que primeiramente registraram a palavra, porém, fica por esclarecer a presença em regiões distantes e isoladas como Honduras.

Na definição das palavras em obras lexicográficas entram as ideologias e discursos que circulam na sociedade em uma dada época histórica e em um dado contexto geográfico. Observamos pelo estudo de várias fontes lexicográficas da região do Prata que os pesquisadores continuam registrando a palavra *quilombo* como equivalente ao ‘prostíbulo’, concentrando-se nas acepções de ‘bordel’ e ‘desordem’. Focamos nos aspectos dos verbetes, das definições da palavra e dos comentários metalinguísticos, sendo que esses últimos incluem as marcas. No caso do vocábulo *quilombo* analisamos o uso de marcas como "vulgar" e "coloquial" que frequente acompanham as acepções de *quilombo*. Problematizamos essas marcas e nos perguntamos qual a contribuição das mesmas nos registros de *quilombo*.

Pesquisamos nos dicionários do DRAE para podermos analisar de qual forma o texto do verbeito mudou conforme cada edição. As definições mudaram entre as edições diferentes e ainda encontramos um uso de comentários metalinguísticos que também mudaram na sua aplicação conforme cada edição.

A nossa análise dos verbetes de *quilombo* nos dicionários de espanhol, principalmente da região do Prata, mostra que há ideologias implícitas refletidas nas definições de *quilombo*, retratado como prostíbulo e desordem, são ideologias, normas e valores que circulam em dados momentos históricos e em certos contextos. A partir da perspectiva crítica que aplicamos na análise dos verbetes, torna-se evidente que os significados encontrados em vários dicionários e em épocas diferentes são determinados pelas ideologias e pelos discursos que circulam na sociedade, assim deixam marcas no léxico.

Para finalizar, utilizamos ainda os *corpora Corpus do Português*, CORDE e CREA com o objetivo de complementar a análise com exemplos de uso extraídos de *corpora* relevantes. Os exemplos de uso poderiam confirmar ou contestar as informações fornecidas pelos verbetes dos dicionários. Chegamos à conclusão que os corpora confirmaram os registros em dicionários, tanto para o significado do português do Brasil quanto do espanhol da região do Prata.

Essa pesquisa dos registros da palavra *quilombo* em línguas e regiões diferentes demonstra principalmente que o significado varia conforme fatores diversos. No caso de *quilombo*, identificamos duas linhas semânticas principais, que dominam o significado da palavra em regiões diferentes.

Encontramos na região do Prata e em outras regiões próximas, o significado de *quilombo* que mais se distancia do étimo. O fator principal que influencia o significado da palavra no espanhol, ou seja, de prostíbulo e desordem, parece ser as ideologias, normas e valores que se tornam visíveis nas definições da palavra.

Por fim, julgamos que a contribuição da nossa pesquisa é o mapeamento dos registros, uma proposta do caminho de integração da palavra e de uma análise das mudanças de significado que ocorreram com a palavra nas regiões de língua espanhola. Após uma análise das possíveis razões para tais mudanças de significado de uma palavra com a mesma etimologia e o mesmo caminho de integração, constatamos que tal modificação é registrada e comprovada pelos dicionários, glossários e *corpora*.

# Bibliografia

Academia Nacional de Letras del Uruguay (org.) (2011) *Diccionario del español del Uruguay*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.

Amorim, Adja Balbio de / Durão, Barbieri / Schneider, Elaci Ines (s.d.) Acércente al Dicionario. Florianópolis: UAB/ UFSC, disponível online:  
<http://wright.hiperlab.egr.ufsc.br/~robson/domQuixote/> (22-07-2013)

Angenot, Jean-Pierre & Jacquemin, Jean-Pierre, e Vincke, Jacques (1974) *Répertoire des Vocables Brésiliens d'Origine Africaine*. Lubumbashi: Celta. Centre de Linguistique Theorique et Appliquee. Université Nationale du Zaïre. Collection << Travaux et Recherches >>. Cellule V.

Alkmim, Tania & Petter, Margarida (2008) Palavras de África no Brasil de ontem e de hoje. Em: Petter, Margarida & Fiorin, José Luiz (orgs.), *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. 1. ed., 2a reimpressão. São Paulo: Contexto, 145- 177.

Alkmim, Tania & Petter, Margarida (2011) Le lexique d'origine africaine dans deux dictionnaires portugais du XIX<sup>e</sup> siècle au Brésil. Em: Petter, Margarida & Vanhove, Martine (orgs.), *Portugais et langues africaines: Études afro-brésiliennes*. Paris: Karthala, 151-177.

Álvarez López, Laura (2012) Lubolos, mandingas y otros "nombres de nación" de origen africano en Montevideo y Rio Grande do Sul. Em: Álvarez López, Laura & Coll, Magdalena (orgs.), *Una historia sin fronteras: léxico de origen africano en Uruguay y Brasil*. Stockholm: Acta Universitatis Stockholmiensis, 35-69

Álvarez López, Laura & Coll, Magdalena (orgs.) (2012) *Una historia sin fronteras: léxico de origen africano en Uruguay y Brasil*. Stockholm: Acta Universitatis Stockholmiensis.

*Aulete iDicionário*. Disponível online: [http://educacao.uol.com.br/biblioteca/\(23-2-2012\)](http://educacao.uol.com.br/biblioteca/(23-2-2012))

Barros, Diana Luz Pessoa de (2000) O discurso do Dicionário. *Alfa* 44,75-96.

Bartens, Angela (2012) Lexical Africanisms in Latin American Spanish and Portuguese. Em: Bartens, Angela & Baker, Philip (orgs.) *Black through white: African words and calques which survived slavery in Creoles and transplanted European languages*. London: Battlebridge, 51-72.

Basilio, Margarida (1987) *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.

Beaufrepaire-Rohan, [Henrique] de (1956) *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*. 2a edição. Salvador: Livraria PROGRESSO Editôra.

Bonvini, Emilio (2002) Palavras de origem africana no português do Brasil: do empréstimo à integração. Em: Nunes, José Horta & Petter, Margarida (orgs.), *História do saber lexical constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas- FFLCH/USP, 147-162.

Bonvini, Emilio (2008a) Línguas africanas e português falada no Brasil. Em: Petter, Margarida & Fiorin, José Luiz (orgs.), *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. 1. ed., 2a reimpressão. São Paulo: Contexto, 15-62.

Bonvini, Emilio (2008b) Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. Em: Petter, Margarida & Fiorin, José Luiz (orgs.) *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. ed., 2a reimpressão. São Paulo: Contexto, 101- 144.

Borba, Francisco da Silva (2002) *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática.

Borucki, Alex (2011) *From Shipmates to Soldiers: Emerging Black Identities in Montevideo, 1770-1850*. Ph.-D.-Thesis. Atlanta: Emory University.

Britos Serrat, Alberto (1999) *Glosario da Afronegrismos Uruguayos*. Montevideo: Ediciones Mundo Afro- El Galeón.

Butler, Judith (1988) Performative Acts and Gender Constitution; An essay in Phenomenology and Feminist Theory. *Theatre Journal*, 40: 4, 519-531.

Cadornega, António de Oliveira de (1975 [1680-81]) *História Geral das guerras angolanas*. Vol. 1. Texte traduit et annoté. Pierre Le Boule. Lumumbashi: Université Nationale du Zaïre.

Casa de la cultura Afrouruguaya (<http://www.borremoselracismodellenguaje.com/s.php>) (03-04-2013)

Castro, Yeda Pessoa de (2001) *Falares africanos na Bahia. Um Vocabulário Afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks.

Corominas, Joan (1954) *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*. Volumen III, L-RE. Berna: Francke.

Correia, Margarida (2006) A discriminação racial nos dicionários de língua: tópico para a discussão, a partir de dicionários portugueses contemporâneos. *Alfa* 50: 2, 155-171.

Cunha-Henckel, Rosa (2005) *Tráfego de Palavras: africanismos de origem banto na obra de José Lins de Rego*. Recife: Fundaj. Ed. Massangana.

Davies, Mark & Ferreira, Michael (2006-) *Corpus do Português: 45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX*. Disponível online: (<http://www.corpusdoportugues.org>) (10-04-2012)

*Diccionario Integral del Español de Argentina. Diccionario Clarin*. Disponível online: <http://www.clarin.com/diccionario> (<http://www.clarin.com/diccionario>) (11-03-2012)

*Dicionário de Língua Portuguesa* (2003) 8ª edição. Lisboa: Texto Editores, LDA.

*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível online: (<http://www.priberam.pt/dlpo/>) (17-04-2012)

Dijk, Teun van (1995) Ideological discourse analysis. *Special issue Interdisciplinary approaches to Discourse Analysis* 4, 135-161. [Citado segundo a versão publicada online: [http://www.discourses.org/download/articles/\(24-4-2012\)](http://www.discourses.org/download/articles/(24-4-2012))].

Elias, Sheila de Oliveira (2006) *Cidadania: História e política de uma palavra*. Campinas: Pontes.

Fishman, Joshua.A (1995) Dictionaries as Culturally Constructed and as Culture-Constructing Artifacts: The Reciprocity View as Seen from Yiddish Sources. Em: Kachru, Braj B. & Kahane, Henry (orgs.), *Cultures, Ideologies, and the Dictionary: Studies in Honor of Ladislav Zgusta*. Tübingen: Niemeyer, 29-34. Disponível online como e-Book <http://www.degruyter.com/view/product/24391?format=EBOK&rskey=p4fbvW&result=4> (15-03-2013).

Fundação Cultural Palmares (<http://www.palmares.gov.br/>) (28-05-2012).

Forgas Berdet, Esther (1996) Lengua, sociedad y diccionario: La ideología. Em: Esther Forgas (coord.). *Léxico y diccionario*. Tarragona: Universitat Rovira i Virgili, Departament de Filologies Romàniques, 71-90

Granada, Daniel (1957) [1889] *Vocabulario Rioplatense Razonado*. Montevideo: Biblioteca Artigas (Colección de clásicos uruguayos; 25-26).

Heinze, Beatrix (1985) *Fontes para a história de Angola do século XVII. Memórias, relações e outros manuscritos da coletânea documental de Fernão de Sousa (1622-1635)*. Transcrição dos documentos em colaboração com Maria Adélia de Carvalho Mendes. Stuttgart: Steiner.

Hornscheidt, Antje (2008) A concrete research agenda for critical lexicographic research within critical discourse studies: an investigation into racism/colonialism in monolingual Danish, German and Swedish dictionaries. *Critical Discourse Studies* 5:2107-132.

Houaiss, Antônio & Villar, Mauro de Salles *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Disponível online: (<http://huaiss.uol.br>) (01-18-2012)

*Infopédia, Enciclopédia e Dicionários Porto Editora* Disponível online: (<http://www.infopedia.pt/>) (17-04-2012)

Kühl de Mones, Úrsula (1993) *Nuevo Diccionario de Uruguayismos*. Santafé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo (Nuevo Diccionario de Americanismos, tomo 3).

Laguarda Trías, Rolando A. (1969) *Afronegrismos rioplatenses*. Cuaderno CLXXXVI, enero/abr., 1969. Separata del: *Boletín de la Real Academia Española* 49, 27-116.

Langenbacher-Liebgoth, Jutta (2006) Léxico e ideologia. Em: Arnold, Rafael & Langenbacher-Liebgoth, Jutta (orgs.), *Cosmos léxico: contribuciones a la lexicología y a la lexicografía hispánicas*. Frankfurt am Main: Lang.77-90.

Leite, Ilka Boaventura (2000) Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Etnográfica* 4:2, 333-354.

Laytano, Dante de (1936) *Os africanismos do dialeto Gaucho: extraído do livro inédito: Negros sul-riograndenses*. Pôrto Alegre: Globo.

Lopes, Nei (1996) *Dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Menezes, Jaci Maria Ferraz (1997) *Igualdade y libertad, pluralismo y ciudadanía: el acceso à la educación de los negros y mestiços em Bahia*. Tese de doutorado. Universidade Católica de Córdoba, Argentina.

Mendonça, Renato (1973) [1933] *A influência africana no português do Brasil*. 4a ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

Munanga, Kabengele (1995) Origem e Histórico do Quilombo Na África. *REVISTA USP* 28, 56-64.

*Novo Dicionário Aurélio* (2009) Versão 6.0. Dicionário eletrônico. 4a ed. Curitiba: Editora Positivo.

Nunes, José Horta (2008) Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas. *Revista Letras* [Santa Maria] 18:2, 107-124. Disponível online: [http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos\\_r37/artigo7.pdf](http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r37/artigo7.pdf) (25-03-2013).

Oderigo, Néstor Ortiz (2007) *Diccionario de Africanismos en el Castellano del Río de la Plata Caseros*: Universidad Nacional de Tres de Febrero.

Pereda Valdés, Ildefonso (1965) El Negro en el Uruguay Pasado e Presente. *Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay* 35.

Petter, Margarida (2002) Termos de origem africana no léxico do português do Brasil. Em: Nunes, José Horta & Petter, Margarida (orgs.) *História do saber lexical: constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas- FFLCH/USP, 123-145.

Pinto, Luiz Maria da Silva (1832) *Diccionario da Lingua Brasileira*. Ouro Preto: Typographia da Silva. Disponível online: (<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/02254100>) (2012-01-31)

Raimundo, Jacques (1933) *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio: Renascença Editora.

Rasico, Philip D (1999) Quilombo, 'bordello': a Luso-Africanism in the Spanish and Catalan of Modernist Barcelona. GAIA Research Series. Disponível online: (<http://institutopalmeiras.pbworks.com/f/QuilomboBordello.pdf>)(19-02-2013)

Real Academia Española: Banco de datos (CORDE) *Corpus diacrónico del español*. Disponível online: (<http://www.rae.es>) (28-03-2012)

Real Academia Española: Banco de datos (CREA) *Corpus de referencia del español actual*. Disponível online: (<http://www.rae.es>) (28-03-2012)



Real Academia Española (2001) *Diccionario de la lengua española* [online] 22a ed. Madrid: Real Academia Española. Disponível online: (<http://www.rae.es>) (10-01-2012)

Real Academia Española. (NTLL) [en línea]. *Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua española*. Disponível online: (<http://www.rae.es>) (01-23-2012)

Ribeiro, João (1939) *O elemento negro. História, Folklore, Linguística*. Rio: Record.

Salles, Vicente (2003) *Vocabulário Crioulo: contribuição do negro ao falar regional amazônico*. Belém: Instituto de Artes do Pará Programa Raízes.

Silva, Antonio Moraes (1789) *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. . Lisboa: Simão Thaddeu Ferreira Disponível online: (<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299210#page/1/mode/1up>) (2012-01-31)

Sjöström, Sören (2001) *Semantisk förändring: Hur ord får nya betydelser*. Lund: Studentlitteratur.

Svensén, Bo (2009) *A handbook of Lexicography. The Theory and Practice of Dictionary-Making*. Cambridge: Cambridge University Press.

Tavares, António e Camacho, Alberto (2008) *O nosso dicionário: Dicionário da Língua Portuguesa*. Plátano Editora.

Tillquist, Ylva (2010) *O léxico de origem africana: um análise das letras de Gilberto Gil*. Monografia de graduação. Disponível online: (<http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:475844/FULLTEXT01>) (14-03-2013)

Vansina, Jan (1996) Quilombo on São Tomé, or in search of original sources. *History in Africa*. 23, 453-459.

# Apêndice

## Apêndice 1. *Quilombo no Prata*

Ano	Autor e Obra	Etimologia	Aceção
1889	Granada, Daniel  <i>Vocabulario Rioplatense Razonado.</i>  Montevideo: Biblioteca Artigas. Colección de clásicos uruguayos; 25-26, Biblioteca Artigas., .25-26. [1889] (1957)	La llaman también mocambo y es voz de la lengua bunda, en la que significa acampamento (Beaupaire-Rohan).	1. Lupanar.  2. En el Brasil llaman quilombo, á la habitación clandestina, en un monte é desierto, que servía de refugio á los esclavos fugitivos.  3. En Venezuela equivale á andurrial.
1954		Sería voz de la lengua bunda o quimbundo (Beaupaire; Renato Mendonça); Lenz, <i>Dicc.</i> , 662; Friederici, <i>Wb.</i> , 536a. En el Brasil lo registra ya Moraes (fin del S. XVIII, con cita de unas Ordenanzas).	Rioplat., chil. ‘burdel’, venez., colomb., ecuat. ‘choza campestre, andurriales’, tomado del brasil. <i>quilombo</i> ‘refugio de esclavos africanos alzados y evadidos en los sertones brasileños’, que se afirma ser de procendencia africana. <i>1.<sup>a</sup> doc.:1890, D. Granada.</i>
1965	Pereda Valdés, Ildefonso.  <i>El Negro en el Uruguay Pasado e Presente.</i> Revista del Instituto	B. Rohan lo deriva de la lengua bantu sin mención de etimo, pero Mendonça cree que deriva de kilombo, población; en Quimbundo.	En el Brasil población fortificada de los negros que huían del cautiverio. En el Río de la Plata, significa burdel, barullo.

	Histórico y Geográfico del Uruguay XXV: Montevideo.		
1969	Laguarda Trías, Rolando A. <i>Afronegrismos rioplatenses.</i>	Según Raimundo, en quimbundo la voz <i>kilombo</i> significa "campamento", "arrabal"; según Mendonça, en la misma lengua es "población"	<p>Hay constancia histórica de que en 1812 se aplicó el nombre de quilombo al campo atrincherado de Borbón, establecido por Joaquín Paz y Felipe Contucci cerca del río Yaguarón (Flavio A. García, <i>Los campamentos españoles del río Yaguarón</i>, Montevideo, 1965, págs. 17 y 18, notas 22 y 24).</p> <p>La Academia Española dio entrada al vocablo, con dos acepciones, en la 16ª edición del DRAE (1936), sin indicar etimología; con anterioridad la voz figuraba en casi todos los vocabularios rioplatenses. de Granada, Segovia, Garzón, Monner Sans, etc.</p> <p>Se dio este nombre primitivamente en el Brasil al refugio silvestre de los negros cimarrones, o sea, de los esclavos que habían huido del cautiverio. En el Río de la Plata, al final del siglo XVIII, la palabra, según el marino español Juan Francisco de Aguirre, designaba el almacén donde ponían en venta a los negros esclavos recién llegados al país. Este sentido de "casa de venta", en el sentir de Groussac, condujo a la acepción de "burdel" de hoy tiene en la Argentina y el Uruguay, y también en Chile, según el DRAE, y en el Perú y Bolivia, según Malaret.</p> <p>Cf. Laguarda Trías (1969) para mais informações.</p>
1993	Kühl de Mones. Kühl de Mones, Úrsula <i>Nuevo Diccionario de Americanismos</i>  Dirigido por Günter Haensch y Reinhold Werner. Tomo III. Nuevo Diccionario de		<p><b>quilombear</b> <i>v intr obsol</i> Frecuentar prostíbulos un hombre [<i>E</i>: <b>putear</b>].</p> <p><b>quilombero, -a</b> <i>sust/adj 1 coloq!</i> Persona que asiste asiduamente a un --&gt; <b>quilombo</b> &lt;2&gt; o trabaja allí [<i>E</i>: <b>putaño, -a, putero, -a</b>]   <b>2 coloq!</b> Persona que hace alboroto y provoca desorden o confusión.</p> <p><b>quilombo</b> <i>m 1 coloq!</i> Situación en la que imperan la confusión y el desorden [<i>E</i>: <b>descojone</b>; <i>U</i>: <b>coginche, desbole, desconche, despelote, quibebe, quincho</b>]. <i>Obs: cf bolonqui.</i>   <b>2 coloq!</b> Prostíbulo [<i>U</i>: <b>queco</b>]. (Kühl de Mones, 1993: 326)</p>

	Uruguayismos. Instituto Caro y Cuervo. Santafé de Bogotá.		
<b>1999</b>	Serrat, Alberto Britos. <i>Glosario da Afronegrismos Uruguayos.</i> Montevideo: Ediciones Mundo Afro- El Galeón	Kilombo es palabra africana del idioma kimbundo, uno de los principales en Angola.	<p>1. Población de negros realizada en una región no habitada (Clovis MOURA: “Quilombo.- Resistencia ao escravismo-“cita de . MONTAÑO en mate Amarago del 23/11/1995).</p> <p>2. En África, se hace referencia a la misma situación de la formación de un campamento o una población nueva en medio de la selva, luego de una sublevación, o como medio de defensa, como la realizó Nzinga, la reina guerrillera en Angola, como forma de oponerse a la conquista portuguesa.</p> <p>3. Fueron los portugueses en el Brasil, quienes comenzaron a dar arbitrariamente y en forma prejuiciosa, el significado de prostíbulo, burdel o desorden a aquellas poblaciones.</p> <p>4. En el Caribe esas poblaciones se denominaron “palenque”.</p> <p>5. Un poco antes del siglo XVIII, empieza a aparecer en los documentos el término “quilombo”, para designar tales aglomeraciones.</p> <p>6. El uso consagró el término que perdura en la literatura histórica referido a las rebeliones de los esclavos.</p> <p>7. Los portugueses se familiarizaron con el vocablo durante las campañas por la conquista de Angola en el siglo XVII. Antonio de OLIVEIRA CARDONEGA, el cronista clásico de las guerras angolanas, cuenta como Nzinga, la reina guerrillera de Matamba, enfrentó la agresión lusitana, retirándose hacia la selva con su pueblo y levantando “quilombos” que eran abandonados al acercarse el enemigo.</p> <p>8. El “mocambo” o “quilombo”, señaló un importante progreso en la lucha de los esclavos y que le permitió enfrentar y repeler al “capitao-do-mato” (mercenario encargado de perseguir y cazar a los cimarrónes- esclavos fugados de sus amos.</p>

			(Cf. Britos Serrat (1999) para as referências completas).
2007	Oderigo, Néstor Ortiz. <i>Diccionario de Africanismos en el Castellano del Río de la Plata</i> . 1a ed. Caseros: Universidad Nacional de Tres de Febrero.	La voz proviene del kimbundo <i>kilombo</i> , idioma en el que pose el sentido de “aldea” y nada tiene que ver con el submundo de la inmoralidad.	<p>La expresión, en el Brasil, significa una especie de república de negros cimarrones que abandonaban a sus amos durante el período de la esclavitud. A veces, los quilombos reunían gran número de siervos, quienes así procuraban evitar los infrahumanos rigores y placimientos a que se veían sometidos en lá época del cautiverio. Como la hemos señalado en nuestro libro <i>Macumba, culturas africanas en el Brasil</i>, Buenos Aires, 1976, 2ª ed., 1991, el más famoso fue el Quilombo o República de los Palmares, que se engendró en el curso de las guerras holandesas en el siglo XVII, y sobrevivió entre los años 1630 y 1695. En otras zonas de la patria Cruz e Souza, los <i>quilombos</i> se llamaban <i>mocambos</i>, voz que proviene del idioma kimbundo <i>mu-kamu</i>, con el significado de “escondrijo”, de “refugio de negros”, etcétera.</p> <p>Según las costumbres africanas, en la época de la poligamia, las esclavas de los harenes vivían en sociedad pacífica, y la reunión de ellas constituía un quilombo. En Angola, ex África occidental portuguesa, hasta la hora en que vivimos, un quilombo es un lugar destinado a descansar de los viajes efectuados al exterior.</p> <p>Utilizada en su forma plural la dicción se refiere a una danza afrobrasileña inspirada en los hechos históricos apuntados.</p> <p>Entre nosotros, sabido es que el término de que hablemos se aplica a los lupanares e lenocinios. También se empleó con la acepción de “tumulto”, “desorden”, “escándalo”, “desorganización”, “alboroto”, “desbarajuste”, etcétera. La voz proviene del kimbundo <i>kilombo</i>, idioma en el que pose el sentido de “aldea” y nada tiene que ver con el submundo de la inmoralidad. Dado es agregar que el el Estado de Alagoas, Brasil, el vocablo se adjudica a un juego folclórico en que intervienen cincuenta personas, divididas en dos grupos: <i>pretos</i> y <i>caboclos</i>, cada uno de ellos son sus respectivos reyes. Los pretos (negros) bailan</p>

			<p>el <i>samba negro</i> y los caboclos (mestizos) danzan</p> <p>el <i>toré</i>. V. Arthur Ramos, <i>As culturas negras no Novo Mundo</i>, Río de Janeiro, 1937.</p>
2009	<p>Diccionario Integral del Español de Argentina</p> <p><a href="http://www.clarin.com/diccionario">http://www.clarin.com/diccionario</a></p>		<p>1 m coloquial Situación de desorden o descontrol: La oficina está hecha un quilombo desde que se fue el jefe. / Esta habitación es un quilombo.</p> <p>§ 2 m coloquial Escándalo, conflicto o situación problemática: Se armó un tremendo quilombo entre las dos hinchadas cuando salieron de la cancha. / Me hizo un quilombo bárbaro porque llegué tarde.</p> <p>§ 3 m coloquial Cosa que resulta muy difícil: Estos ejercicios son un quilombo. § 4 m coloquial Prostíbulo: Lo que empezó siendo un bar se convirtió en un quilombo que funcionaba día y noche. (≈ puticlub).</p>
2011	<p>Diccionario del Español en el Uruguay. (DEU) Academia nacional de Letras.</p>	<p>Del quimb. <i>quilombo</i>, población de esclavos fugados).</p>	<p>1. <i>m. vulg. esp.</i> Bullicio, alboroto. <b>batuque; bolonqui; candombe; escandalete; mambo; puterío; putero; queco; quibebe; quincho; rebulicio; relajo.</b></p> <p>2. <i>m. vulg. esp.</i> Reyerta, pendencia. V. <b>agarrada, armarse la de °Dios es grande; bronca; camorrear; piñata; sacudirse; trenzarse. bardo; batifondo; batuque; bolonqui; cachiquenque; candombe; canyengue; carancanfún; desparramo; despelote; despiole; mambo; merengue; podrido; puterío; queco; quibebe; quincho; relajo; rolo; rosca; salgasalga; toletole.</b></p> <p>3. <i>m. vulg. esp.</i> Desorden de cosas. V. <b>desparramo; mambo. bochinche; bolonqui, candombe; desbole; despiole; despelote; despatife; queco; quibebe; rebulicio.</b></p> <p>4. <i>m. vulg. esp.</i> <b>entrevero (2).</b></p> <p>5. <i>m. vulg. esp.</i> <b>despelote (3).</b></p> <p>6. <i>m. vulg. esp.</i> Prostíbulo. V.º <b>casa de masajes. queco; quibebe; quincho.</b></p>

Stockholms universitet/Stockholm University  
SE-106 91 Stockholm  
Telefon/Phone: 08 – 16 20 00  
[www.su.se](http://www.su.se)



**Stockholms  
universitet**